

L I E R A



3ª EDIÇÃO DO CONCURSO CULTURAL LITERATEC

Ciência na educação inclusiva

COLETÂNEA LITERATEC 2023

Comissão Organizadora: Luara Batalha, Tarso Nogueira e
Tatiana Miguez

Comissão Julgadora: Luara Batalha e Tatiana Miguez

Copyright © 2023 por SENAI CIMATEC
Texto de acordo com a nova ortografia
Título Original: Coletânea LITERATEC 2023
Revisão: Leda Cláudia

C694c Coletânea Literatec 2023 / organizado por Luara Batalha Vieira,
Tarso Barreto Nogueira, Tatiana Miguez Costa. – 3. ed. - Salvador,
BA: SENAI CIMATEC, 2023.

120 f.

Disponível em: <http://repositoriosenaiba.fieb.org.br/>

ISBN: 978-85-60771-21-9.

Coletânea da 3ª edição do Concurso Literatec: ciência na
educação inclusiva.

1. Literatura brasileira. 2. Literatura popular. 3. Leitura. 4. Educação
inclusiva - Ciência. I. Centro Universitário SENAI CIMATEC. II.
Vieira, Luara Batalha. III. Nogueira, Tarso Barreto. IV. Costa, Tatiana
Miguez. V. Título. CDD: 869.8

Elaborada por Adriano dos Santos Martins – CRB-5: BA-
002071

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra
pode ser apropriada ou reproduzida em sistema de banco
de dados ou processo similar, em qualquer forma ou
meio, seja eletrônico, gravação etc. sem a permissão do
detentor do copyright.

SUMÁRIO

Apresentação	6
Autores selecionados	8
Um tigre triste	9
Viagem a pé	16
Acolhimento	22
O reino da diversidade	30
Marieta	38
Semente da ciência, floresta de inclusão .	44
Sophia e o laboratório de sonhos	48
Ciência em jogo	53
Tiques não me impedem de ser inteligente	56
A professora criativa	59
Movimento acoplado.....	64
Além das barreiras: a ciência na educação inclusiva	72
A luta para ser ouvida	79

Erupção de conhecimento	84
Jardim das conexões	90
Escritores convidados.....	94
João e maria: mamãe é baixa visão	95
O noviço rebelde.....	101
João, quinho e a ciência.....	107
Desver e desvendar	112
Biografia dos convidados.....	118

APRESENTAÇÃO

Tarso Nogueira

O 4.º Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS), definido pela Organização das Nações Unidas (ONU), tem como um dos seus pilares a garantia de que todos os seres humanos possam realizar seu potencial com dignidade, segurança e igualdade. Portanto, a promoção da educação inclusiva é fundamental.

O debate sobre a Educação Especial e Inclusiva no Brasil tem sido intenso nas últimas décadas, culminando, em 2015, com a aprovação da Lei Brasileira da Inclusão, conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência, que trata de diversos aspectos relacionados à inclusão das pessoas com deficiência.

Ainda que parcelas da sociedade tenham apontado retrocessos com a publicação em 2020 da Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida, o tema tem avançado lentamente nos diferentes níveis da educação nacional, em especial por conta da complexidade do tema e dos

investimentos necessários ao seu desenvolvimento nos cenários público e privado. De fato, a temática exige investigações em diversas esferas do conhecimento, como a comunicação, a psicologia, a arquitetura e as tecnologias da informação. Portanto, o desenvolvimento científico e tecnológico apresenta-se como um importante alicerce, capaz de acelerar e robustecer os resultados da efetiva inclusão educacional.

O SENAI CIMATEC chega aos seus 21 anos muito interessado em apoiar os avanços na educação inclusiva e, assim, o concurso LITERATEC de 2023 lança um desafio à comunidade de pensar a ciência como base para o avanço da educação inclusiva. Se estamos aqui para mudar o mundo, nada melhor do que inspirar e conhecer diferentes visões e sensações sobre esse tema tão rico e diverso. Portanto, temos uma enorme satisfação em ter aqui o resultado da inspiração e do suor de tantos talentosos escritores e escritoras. Por fim, sem mais delongas, deixo-os ao deleite dos belos contos que se seguirão.

AUTORES SELECCIONADOS

UM TIGRE TRISTE

Lúcio de Miro e Moraes (1.º Lugar)

Estela olhava os desenhos de seus alunos espalhados sobre a mesa. Estava intrigada com a discrepância de cores das ilustrações de uma criança em relação às demais. O VistaChrom, dispositivo ocular de acessibilidade projetado para crianças com alto grau de deficiência visual, já era utilizado de forma pioneira há duas semanas por Clarice. E os trabalhos de Educação Artística, para além do nome autoexplicativo, acabavam servindo também como um parâmetro para avaliar a *performance* do equipamento. Mas algo estava errado, pois, no caso em questão, enquanto o restante da classe seguia o esperado num exercício de copiar imagens projetadas num telão, na última aula da manhã, os desenhos de Clarice estavam com as cores trocadas: uma floresta de árvores e... um tigre, todos azuis!

Mesmo sendo previsto, eventualmente, um período de adaptação, espantava o fato de que, desde sua inclusão no programa de acessibilidade, Clarice mostrara-se altamente ajustada ao dispositivo: extrapolando a

certamente óbvia – mas inefável! – emoção de acessar o mundo visualmente pela primeira vez, sua evolução no reconhecimento de formas, texturas e cores superou em muito a expectativa do uso daquela tecnologia. Agora essas cores dissonantes em seus desenhos sinalizavam uma mudança.

Para não criar nenhum alarde, Estela nada disse no momento da aula. Apenas recolheu os desenhos das crianças e depois, ao término das atividades, perguntou se Clarice poderia ficar um pouco para conversar antes de ir embora. Na possibilidade de qualquer evento adverso no uso do VistaChrom, o protocolo previa a comunicação à diretoria da escola, que, por sua vez, tomaria as providências para detectar se era uma questão orgânica ou problemas com o equipamento. Seria uma maratona médico-político-burocrática envolvendo o hospital e o laboratório da universidade desenvolvedora do aparelho, o Governo que o subsidiava, com a menina no centro dessa correria. Estela teria que lidar ainda com a ferida narcísica dos pais, e, quase certo, com a sua própria, ao tomar para si a dor que, supunha, Clarice poderia sentir caso aquele novo universo que vivenciava se apagasse. Antes de fazer

a notificação, queria conversar a sós com a menina, saber até onde ou se ela percebia a...

— Oi, professora!

A voz algodoadada de Clarice retirou Estela do transe em que se encontrava naquela última vez em que repassava os desenhos enquanto a aguardava. Fitou a menina com o equipamento acoplado ao rosto: era semelhante aos óculos de realidade virtual, mas diferia por sua viseira semitransparente, que permitia ver os olhos da criança por trás da pequena nuvem furta-cor causada pelas correntes elétricas ali operantes.

— Tudo bem com você, Clarice?

— Sim, professora.

— Está gostando dos seus “óculos”?

— Adorando! E agora, mais ainda, porque faz uns dias que deixaram eu levar ele pra casa! — disse com enorme sorriso.

— Adorei o tigre que você fez hoje de manhã — Estela pegou a folha com o desenho— É esse aqui, né?

— É esse mesmo! — respondeu, orgulhosa.

Olhando para o desenho, a professora sentia-se encarada por aquele tigre, dum azul esplendoroso, como

se fosse ele uma esfinge a ser decifrada. E pronto a devorar.

— E foi essa a foto que nós usamos na aula, não foi? — perguntou Estela acionando o projetor.

No telão, surgiu uma figura muito familiar, a predileta de Clarice: um magnífico tigre.

— Sim, foi essa foto. — disse com um sorriso, num olhar quase reverencial ao animal.

— Clarice, você entendeu a tarefa que pedi hoje de manhã?

— Hmm. Sim. Desenhar um tigre igual ao da tela.

— OK. E... você sabe me dizer a cor do tigre ali no telão?

— Laranja, professora.

Um pouco desconcertada pela resposta, pois obviamente esperava que a menina estivesse enxergando erroneamente o azul, pensou um pouco e continuou:

— Hmm... OK. E qual foi o giz que você usou para pintar o desenho?

A menina voltou-se para a caixa de gizos revolvendo-os com a ponta dos dedos e finalmente sacou um bastão.

— Esse! — Clarice estendeu o braço, com o giz azul na mão.

— E... de que cor é esse giz?

Estela fez a pergunta por pouco não deixando escapar, na própria voz, a palpitação que a expectativa da resposta lhe causava.

— Azul.

Então Clarice percebia corretamente as cores. Sobre o porquê da escolha do azul para pintar o tigre, Estela estava com a pergunta na ponta da língua. A menina pareceu perceber que a professora procurava algo, pois antecipou-se com uma confissão enigmática.

— O tigre triste.

— Desculpe, querida. Não entendi.

— Quando me deixaram levar os “óculos” pra casa uns dias atrás... Bom, eu nunca tinha visto minha própria casa... Aí fiquei um tempão passeando nela; só conhecia os barulhos dos lugares, especialmente da sala, onde fica a TV. Adorei assistir TV!

— Ah é?

— Sim. Papai estava comigo na primeira vez que assisti. Tava passando um filme que falava de um artista que fez um monte de pinturas azuis...

— Hmm... Você lembra o nome? ... Por acaso era Pablo Picasso?

— Isso!! Isso!! Papai até perguntou se eu queria mudar de canal, eu disse que não. Os quadros que apareciam na TV... eram tão lindos. Só achei as pessoas dos quadros meio tristes. Papai explicou que essa era a vontade do artista, de usar o azul pra mostrar o que aquelas pessoas estavam sentindo... e que o artista também sentia, que a arte pode ser bonita assim, por mostrar que a gente sente.

— Entendi... e quando você viu o tigre hoje...

— Quando vi a foto do tigre de manhã lembrei da aula de geografia, quando a professora falou dos tigres que não existiam mais...

— Extintos...

— Isso! Só sobrou um num zoológico. Aí vi a foto do tigre hoje, pensei que ele deve se sentir triste por estar sozinho. Por isso fiz ele azul... e a floresta que era a casa

dele. Entendi que não fiz o que a senhora pediu... mas era como eu estava me sentindo também.

Fosse Clarice uma adulta, teria percebido como sua capacidade de elaboração e sensibilidade impressionaram Estela, tal o tempo em que esta ficou emudecida de admiração. Então, notando a atenção da menina em direção à porta, a professora se virou e viu a mãe, sorridente, acenando pela janelinha.

Ambas seguiram de mãos dadas até a porta.

— Adorei conversar com você, Clarice.

— Também gostei muito, professora.

Algo no rosto de Estela fez a mãe perguntar com certo ar de estranhamento.

— Está tudo bem?

— Está tudo ótimo! A senhora é mãe de uma artista!

Quando mãe e filha se afastaram, só então Estela percebeu uma pequena lágrima no canto do olho. Tomou-a como um lembrete: o VistaChrom, mais do que revelar o mundo exterior a uma criança, revelou também o seu interior. E cabia a eles, os responsáveis, o cuidado de saber enxergá-lo.

VIAGEM A PÉ

Mara Vanessa Torres (2.º Lugar)

Nesta terra conhecida como Bicho-que-queima, não há nada além de uma capela minúscula, caindo aos pedaços, um punhado de solo infértil dominado pela areia fina, calor extremo e um cemitério esquecido pelo tempo. Bem, ele é constantemente lembrado pelas ervas daninhas, que também merecem ser mencionadas.

Em um lugar como este, onde nenhuma autoridade pública, privada ou religiosa suja a sola dos pés há tempos, vivem quinze famílias. É preciso que se diga: tão teimosas quanto as ervas daninhas. Contra tudo e contra todos, seja o clima, o esquecimento e a eterna situação de párias sociais, elas continuam resistindo e subsistindo.

Há poucas fontes de alimento disponíveis, então, a alimentação é precária e racionada. Um único poço, feito com golpes fundos e insistentes por algum ancestral indômito, abastece o lugar. Nos fundos de uma casa velha, destelhada, coberta por galhos e taipas, dez ou onze crianças escutam as músicas da tia Fafá sobre astros,

planetas e a Ilha de Galápagos. As crianças costumam chamar a professora Fátima dessa forma carinhosa e próxima, sentimento conquistado nos dois anos em que a educadora reside em Bicho-que-queima.

Viajando a pé por três dias, ela havia alcançado aquele ponto quase inexistente no mapa estadual para começar o projeto antigo, nutrido com todas as forças desde a infância: levar educação e conhecimento científico a lugares remotos e, especialmente, desassistidos pelo poder público.

Assim, quando ouviu falar em uma cidade riscada, sem “garantias ou qualquer comodidade”, um verdadeiro “abismo de fim de mundo”, nas palavras dos gestores da instituição para a qual ela tinha sido aprovada em concurso público, Fátima não pensou nem uma vez: Bicho-que-queima era o seu lugar.

— Eu vou. Posso assumir as funções de forma integral.

— Você tem noção do que está dizendo? — perguntou o funcionário de sobranceiras grossas, camisa de botão quase estourando e um cigarro entre os dedos —

Esse não é lugar para uma moça jovem e com outras possibilidades.

— Conheço as condições, senhor Moura. Aceito.

Bem, ele havia tentado. Ela que se desiludisse por si mesma. Ainda com o cigarro em mãos, o velho Moura assinou a lotação de Fátima.

Ao chegar em Bicho-que-queima, a jovem professora especializada no ensino de matemática, física e química, apaixonada pela comunicação científica — mas que teria que lidar com o ensino infantil — enfrentou seu primeiro desafio: a desconfiança da população local. Acostumados com a indiferença, a negligência e a invisibilidade, os moradores da cidade não acreditavam que aquela professora tão nova, vinda da capital, estaria interessada em viver grandes privações ali, naquele lugar abandonado.

Com tato, gentileza e carinho, Fátima sempre repetia:

— O conhecimento é para todos. A ciência está presente em nosso dia a dia, não é algo distante, feito para ricos ou pessoas dotadas de poderes especiais.

E foi exatamente o que aquela jovem mulher provou à comunidade de Bicho-que-queima. Assumindo o ensino infantil, ela também incentivou os adolescentes, que procuraram a escola improvisada nos fundos da casa destruída, feita de uma só educadora, no horário vespertino.

Outrora infértil, o solo começou a produzir sementes. Francisvaldo, um dos novos alunos da tia Fafá, nasceu sem uma das pernas. Por essa razão, sempre ficou deslocado do convívio com as outras crianças, bem como de todas as atividades corriqueiras da família ou da cidade, condenado a permanecer para sempre sentado em um canto. Inventiva, Fátima construiu uma espécie de muleta e, em seguida, conseguiu fazer um adaptador de madeira, simples e prático, que auxiliava Francisvaldo a fazer movimentos.

Com lágrimas nos olhos, o garoto foi capaz de dar seu primeiro chute em uma bola e percorrer os principais pontos da cidade. Abraçando a professora, ele agradeceu:

— A senhora tem razão, fessôra! A ciência está entre nós!

Igualmente emocionada, a professora Fátima disse:

— Ainda que as viagens sejam feitas a pé, elas sempre levam a algum lugar. Continue caminhando, acreditando e dê o seu melhor.

Foi com esse espírito que vinte anos se passaram.

Bicho-que-queima mudou de nome. Agora é uma cidade maior, reconhecida e cada vez mais em expansão em todo o estado. Escolas, hospitais e muitos serviços foram inaugurados. Com o avanço dos alunos da professora Fátima, a mudança deles para a capital com o intuito de estudarem em escolas maiores e mais especializadas, as vagas conquistadas em universidades públicas e em instituições de ensino famosas no exterior, brotou também o interesse fomentado pela imprensa. Com ele, o olhar político, eternamente voltado para questões eleitorais. Ao lado desse olhar, chegaram os investimentos.

Respondendo como Secretária de Educação da cidade, a professora Fátima, conhecida como a eterna tia Fafá, agora possui funções muito maiores. Seu novo projeto é levar esse modelo para outros lugares. “Quantas crianças e adolescentes precisam de amor, educação, cuidados, boa alimentação, saúde e incentivos de

qualidade neste país? ”, pensava dia e noite. Na parede do gabinete de Fátima, um quadro emoldurado brilhava com a seguinte frase:

“Viaje a pé. Não se intimide. Continue caminhando. E você será capaz de alcançar a estrela ou o planeta mais distante. O conhecimento científico é um bem coletivo. A ciência está em todos nós.”

ACOLHIMENTO

Luiz Eduardo de Carvalho (3.º lugar)

Carlinhos desceu as escadarias do colégio, rumo ao portão de saída, com uma expectativa muito diferente da cotidiana. Era como se algo mobilizasse dentro de si um novo desejo, daqueles que, se devidamente alimentados, durariam por toda uma vida e poderiam ser chamados de vocação. Sim, um chamado, como o termo latino *vocatio* indica. No caso de Carlinhos, um chamamento para a solidariedade, para a inclusão, para a dedicação àqueles que necessitam de cuidados diferenciados.

Naquela manhã, a diretora da escola passou em todas as salas para dar a notícia e demorou-se mais na de Carlinhos, pois ali, a partir da semana seguinte, passaria a estudar com eles a Camila, uma menina com necessidades especiais que, devido a uma doença chamada esclerose lateral amiotrófica – e Carlinhos anotou o difícil nome para depois aprender mais a respeito dela –, tinha perdido todos os movimentos e, por isso, precisava de cuidados diferenciados em relação a tudo em sua vida, inclusive na escola.

— A doença, que normalmente impossibilita as pessoas de exercerem qualquer atividade física e, em estágios mais avançados, até as mais básicas como falar, mastigar e engolir, contudo não lhes tira a capacidade de aprender, pensar e criar. Tanto é verdade que houve um homem chamado Stephen Hawking, que sofreu dessa esclerose por muitos anos, mas que, mesmo assim, tornou-se um dos mais importantes cientistas do século. O caso dele foi diferente do de Camila, pois manifestou-se mais tarde, quando ele já era adulto e não quando ainda estava começando seus estudos. — Explicou a diretora. E continuou:

— Antigamente, pessoas com necessidades especiais não tinham como estudar, mas, com o passar do tempo, surgiram escolas especializadas, como as APAEs. Depois, os educadores entenderam que o melhor a ser feito era integrar esses alunos ao convívio das demais crianças.

Segundo a diretora, aquela foi uma luta que durou décadas, mas que hoje tornava comum essa integração, o que trazia mais aprendizado para todos.

— Afinal, no Brasil, uma a cada quatro pessoas apresenta algum tipo de deficiência e, no mundo, estima-

se serem mais de um bilhão de pessoas. — Foi a vez da professora participar da explicação.

Os números impressionaram Carlinhos: ele nunca imaginara que houvesse tanta gente assim, embora compreendesse que muitos não fossem notados porque não tinham problemas tão fáceis de se reconhecer como os de Camila e boa parte daqueles que apresentavam restrições mais graves viviam tão separados dos demais que era mesmo impossível saber de sua existência.

A diretora mostrou um filme com crianças especiais e contou também que, há mais de oitenta anos, com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, depois com a Constituição Cidadã e com o Estatuto da Criança e do Adolescente, no final da década de oitenta, e com mudanças no Plano Nacional de Educação brasileiro, começaram a surgir ações que buscavam identificar todo e qualquer obstáculo que o aluno com necessidades especiais pudesse enfrentar e, com isso, eliminar as barreiras, adaptar os materiais utilizados nas atividades, bem como os espaços para o convívio de todos. Isso assegura que toda pessoa tem direito à educação, pois todos são capazes de aprender, mesmo que cada um

aprenda de um jeito diferente dos demais. A professora completou mais uma vez a fala da diretora ao afirmar que aquele assunto dizia respeito a todo mundo e que ter a oportunidade de conviver com alguém como a Camila traria benefícios para alunos, professores, funcionários e até para as famílias de todos os envolvidos, criando um verdadeiro efeito cascata de inclusão e respeito à diversidade.

Antes de deixar a sala de aula, a diretora terminou sua fala pedindo que todos se esforçassem em formar uma rede de apoio na escola e que cada um contribuísse como pudesse para acolher a Camila e outros alunos especiais que chegassem no futuro. Foi aí que Carlinhos sentiu a motivação de fazer algo que realmente ajudasse e, tão logo o sinal anunciou o fim das aulas do dia, partiu em disparada para casa com a ideia fixa de pesquisar, entender as necessidades da futura coleguinha e propor alguma ação que fizesse diferença para a sua melhor integração ao colégio.

Ao chegar em casa, almoçou e correu para o computador com a intenção de pesquisar. Passou a ler tudo o que encontrou a respeito da doença da nova amiguinha e

logo descobriu que ela precisaria de um equipamento próprio para poder usar o computador e, com isso, poder ter acesso ao conhecimento: o Classic Tobii Gaze Interaction Software (CTGIS), que é um aplicativo que pode ser acessado pelo movimento dos olhos, tendo como finalidade facilitar a vida dos alunos que têm deficiências motoras severas. Ele funciona a partir de um rastreador ocular, que identifica o movimento dos olhos para dar acesso total ao computador, dispensando o uso de teclado e *mouse*. Ele ainda poderia ser usado em conjunto com outros programas, como o Dosvox, que permite ao estudante falar com o computador ou usá-lo para ser a sua voz, ou ainda o Player Rybná, que é uma plataforma que converte em áudio todo o tipo de artigos e documentos escritos e os lê em voz alta.

Logo descobriu, também, que tais *softwares* importados custavam caro demais para, mesmo com a ajuda de seus pais, comprar e dar de presente para a Camila, ou melhor, para a escola. Ficou chateado com isso, mas não desanimou:

— Mãe, o que eu posso fazer para arrumar bastante dinheiro? — Perguntou o rapazinho sonhador.

— Estudar muito, arrumar um bom emprego, trabalhar direitinho e juntar uma parte de tudo o que ganhar é a forma mais garantida de conseguir... — Carlinhos interrompeu a mãe antes que ela pudesse completar o que dizia:

— Não, mãe, você não entendeu. Preciso de muito dinheiro rápido, até segunda-feira... — E Carlinhos pôs-se a explicar o motivo daquela urgência.

— Hum, deixa a mamãe pensar... Ah, já sei, você poderia fazer uma rifa. — A mãe deu a sugestão como se aquilo fosse uma coisa ainda comum nos dias de hoje.

— Rifa? O que é isso? — Perguntou o menino que conseguia entender coisas modernas como o propósito e o funcionamento de programas de computador, mas não sabia o que era aquele tipo de loteria que sorteia um número ou um nome de uma lista para indicar quem ganhou um prêmio estipulado com antecedência.

A mãe de Carlinhos não só explicou como o ajudou na tarefa de organizar tudo. Resolveram que dariam um videogame para o ganhador. Se ele vendesse todos os números, haveria dinheiro de sobra para comprar o prêmio

e todos os *softwares* e o computador para o uso exclusivo da Camila.

Antes de a semana terminar, todos os números já haviam sido vendidos, o videogame comprado e o restante do dinheiro entregue pelos alunos à diretora da escola. No dia em que o equipamento chegou, Carlinhos foi surpreendido pela notícia de que ele seria homenageado pela iniciativa e pelo entusiasmo com que realizou aquela tarefa. A biblioteca da escola passaria a chamar-se Espaço de Leitura e Aprendizagem Carlinhos Arruda e Camila Sampaio, como símbolo de uma parceria que acompanharia os dois por toda a vida escolar.

Carlinhos, muitos anos mais tarde, tornou-se o Dr. Carlos Arruda, especialista em implantação de sistemas de inteligência artificial para a tutela dos estudos de crianças com déficit de aprendizagem. Camila, infelizmente, não viveria tanto, mas conseguiria ingressar na faculdade de Direito, pois sonhava atuar na garantia de direitos das crianças com necessidades especiais. No dia do enterro da amiga, o Dr. Carlos fez um emocionado discurso de despedida e de agradecimento por ela ter feito parte de sua vida e, principalmente, por ter lhe apontado a sua vocação,

à qual ele dedicava cada lampejo criativo, resgatando mentes que viveriam apartadas do conhecimento e da própria sociedade.

O REINO DA DIVERSIDADE

Aline Canuto de Abreu Santana (Menção Honrosa)

Havia um mundo incrível onde objetos ganhavam vida. Esse lugar era chamado Reino da Diversidade. Nesse reino, a ciência era a força motriz da educação. Todos os seres vivos e inanimados eram incentivados a aprender e a crescer juntos.

No coração do Reino da Diversidade, havia uma escola muito especial onde todos os objetos tinham o privilégio de aprender junto às crianças que estudavam ali. A professora de ciências, a Sra. Bússola, cujo objetivo era mostrar às crianças como a ciência poderia ser inclusiva e divertida, era sábia e dedicada.

Certa tarde, a Sra. Bússola anunciou a próxima atividade da classe: uma feira científica onde cada objeto teria que criar um experimento único. Cada um deveria usar seus talentos especiais para fazer um trabalho maravilhoso e compartilhar conhecimento. O principal objetivo era mostrar a todos como qualquer um pode fazer ciência e participar dela.

Um grupo de objetos rapidamente se juntou: Robô, o assistente de laboratório, que adorava construir coisas; Óculos, uma lente curiosa que estava sempre buscando novas perspectivas; e Lápis, um objeto criativo que transformava ideias em realidade.

Juntos, eles decidiram trabalhar em um projeto para tornar a ciência acessível para todos, independentemente de suas habilidades físicas. Eles desenvolveram um dispositivo que permitia que pessoas com deficiência visual experimentassem a emoção de explorar o mundo científico.

A feira científica finalmente chegou, e a sala estava repleta de objetos e alunos animados. Cada grupo apresentou suas inovações, mas o projeto do trio se destacou. Eles mostraram como seu dispositivo permitia que alguém com deficiência visual tocasse e sentisse as experiências científicas através do tato, do cheiro e dos sons.

O público ficou encantado e emocionado com a demonstração, mas nem todos compartilhavam do mesmo entusiasmo. Pipeta, que era conhecida por sua natureza invejosa, sentiu-se ameaçada pela atenção que o projeto

estava recebendo. Ela estava determinada a estragar o momento.

No dia seguinte, durante uma apresentação especial para a comunidade, Pipeta sabotou terrivelmente o dispositivo do grupo. Quando chegou a hora da demonstração, o dispositivo não funcionou como esperado, e o público ficou desapontado.

Mas Robô, Óculos e Lápis não desistiram. Com espírito de trabalho em equipe e dedicação, eles rapidamente improvisaram uma solução alternativa para a apresentação. Óculos descreveu as experiências científicas em detalhes, enquanto Lápis desenhou ilustrações em 3D incríveis para ajudar a visualizar as ideias. Robô utilizou seus conhecimentos de engenharia para recriar algumas partes do dispositivo e permitir que as pessoas sentissem, mesmo que de forma limitada, as experiências científicas.

Quando o público viu a resiliência do grupo e o esforço para superar a adversidade, todos foram tomados por uma mistura de emoções. Eles perceberam que o verdadeiro encanto da ciência estava na paixão e na vontade de fazer a diferença, não apenas nas inovações tecnológicas.

No final, o projeto do grupo foi aplaudido de pé. A comunidade reconheceu o valor da educação inclusiva e da ciência acessível a todos. Pipeta, vendo a admiração e o respeito que o trio conquistou, sentiu um enorme remorso por suas ações egoístas.

Determinada a se redimir, Pipeta abordou o grupo e ofereceu sua ajuda para os projetos posteriores. Ela reconheceu que a ciência não era uma competição, mas uma colaboração para o benefício de todos. Com sua forma única e habilidades especiais, ela se ofereceu para ser usada nos experimentos de inclusão.

Pipeta tornou-se uma peça valiosa desse projeto, ajudando a medir líquidos com precisão e auxiliando os estudantes nas experiências científicas. Seu arrependimento transformou-se em uma motivação sincera para promover a inclusão e o aprendizado conjunto.

O grupo acolheu Pipeta de braços abertos, entendendo que todos merecem uma chance de se redimir e contribuir para a causa da educação inclusiva. Juntos, eles desenvolveram novas ideias e exploraram como os diferentes objetos e suas habilidades poderiam se

complementar para criar experiências científicas ainda mais inclusivas.

Conforme a presença de Pipeta no grupo se fortalecia, sua dedicação e transformação inspiravam outros objetos a se juntarem à missão de promover a inclusão na educação. Gradualmente, mais e mais objetos se envolveram, cada um trazendo suas próprias perspectivas e habilidades únicas para enriquecer a aprendizagem coletiva.

O primeiro a se juntar foi Microscópio, um objeto curioso e observador que trazia consigo o poder de ampliar a visão e revelar detalhes ocultos. Com seu auxílio, os estudantes puderam explorar o mundo pequenino e desvendar os segredos das células e organismos minúsculos.

Logo em seguida, Ventilador, um objeto que soprava ar fresco, aderiu ao grupo. Ele trouxe uma perspectiva refrescante, ajudando os alunos a entenderem a importância da circulação de ar em experimentos e demonstrações científicas, além de contribuir para o conforto de todos durante as aulas práticas.

Binóculos, um objeto com lentes especiais que permitiam a visão ampliada a distância, juntou-se à equipe em busca de novos desafios. Com sua habilidade de focar em detalhes distantes, ele ajudou os alunos a explorarem fenômenos naturais, observar aves e expandir seus horizontes além dos limites da sala de aula.

Lousa, uma superfície de escrita mágica, também fez parte do grupo. Ela se tornou uma aliada indispensável para explicar conceitos complexos e visualizar as ideias dos estudantes. Com suas propriedades versáteis, a Lousa permitia que todos compartilhassem suas opiniões e expressassem suas descobertas de maneira clara e inclusiva.

Além desses, muitos outros objetos também se uniram à missão, como o Projetor, que transformava conceitos abstratos em imagens vívidas; a Calculadora, que ajudava a simplificar cálculos complexos e a estimular o raciocínio lógico; e a Ampulheta, que representava a passagem do tempo e a importância do planejamento e organização em experimentos científicos.

À medida que o grupo de objetos diversificados crescia, eles descobriam que cada um tinha um papel

fundamental na construção de uma educação inclusiva. Cada objeto trazia suas próprias perspectivas, habilidades e contribuições valiosas para enriquecer a aprendizagem coletiva. Juntos, esses objetos transformaram a sala de aula em um espaço vibrante de exploração e descoberta. O grupo demonstrou que a inclusão não se limitava apenas à diversidade humana, mas também abraçava a diversidade de objetos e suas capacidades únicas.

Conforme o Reino da Diversidade florescia com o espírito de cooperação, sua reputação se espalhava por todo o território. Outras escolas começaram a se inspirar e a adotar a abordagem inclusiva na educação científica. Pipeta, anteriormente conhecida por suas atitudes invejosas, agora era admirada por sua mudança de coração e por ser um símbolo da importância da aceitação e da colaboração.

A Sra. Bússola e seu grupo de objetos continuaram a inspirar gerações futuras, provando que a ciência é um caminho para crescimento. Naquele reino, a ciência e a inclusão caminhavam lado a lado, mostrando ao mundo que podemos superar desafios e alcançar resultados surpreendentes.

E assim, no Reino da Diversidade, objetos inanimados e seres vivos aprenderam que a ciência pode transformar vidas, unir corações e ensinar valiosas lições de empatia e superação.

MARIETA

Ana Cristal Barroso Pereira (Menção Honrosa)

— Estamos com dificuldades aqui, Roberto — exclamou Marcela, enquanto afrouxava um parafuso —, mas não sei de que ordem elas são.

Roberto aproximou-se e tocou o robô à sua frente. Era o maior projeto que ele e Marcela já planejaram e, se tudo desse certo, seria um grande auxílio para o Brasil. Apesar de estarem em 2050, os grandes avanços tecnológicos ainda não tinham chegado com tanta força na área da educação – professores, coordenadores e diretores resistiam muito às grandes empresas. Mas esse robô poderia mudar as relações entre eles, e era nisso que os colegas se apegavam enquanto finalizavam os ajustes.

— Vamos descobrir. — Roberto pegou o controle remoto que estava ao seu lado e apertou o botão para ligar. Os olhos do robô ficaram azuis e suas mãos articularam um “olá” meio sem jeito. — Olhando assim, eu acho que já fizemos todas as mudanças técnicas que poderíamos. O rosto aparece iluminado, ele gesticula, mas as expressões

faciais e o entendimento dos movimentos das mãos ainda estão fracos.

— Então, a nossa parte já acabou, certo? Agora resta fazermos a programação acertada para levá-lo à fase de testes. — Marcela andava de um lado para o outro, preocupada, balançando a caneta no ar como se estivesse fazendo contas. — De ciência tecnológica, temos o suficiente, mas você sabe, Roberto, agora precisamos de ciência pedagógica. Os professores nunca permitiriam um robô em sala que não fosse devidamente analisado por eles.

A dupla telefonou para alguns conhecidos e, em pouco tempo, duas professoras estavam no laboratório: Fabiana, professora de Libras, e Yasmin, professora de Braille. Ambas chegaram à empresa empolgadas, porque nunca tinham sido convidadas para interferir na programação de um robô. Esse era um fato histórico para a classe, e elas tinham lutado bastante por ele.

Roberto apresentou toda a estrutura de equipamentos que a empresa tinha, fazendo um *tour* pelo andar que eles estavam. Ao final, apresentou-lhes sua mais nova criação:

— Conheçam o Inclus, o robô da inclusão!

As professoras soltaram uma gargalhada imediatamente:

— Vocês permitiriam que déssemos um nome melhor? — Yasmin se adiantou. — Acho que somos boas com isso.

— Claro, claro — disse Roberto, envergonhado.

— Eu acho que precisamos honrar as pedagogas deste Brasil. Gostaria de colocar um nome feminino, pode ser?

— Sugiro Marieta – bradou Fabiana.

— Então, que seja Marieta, a robô da inclusão. — Roberto parecia satisfeito com o novo nome, abandonando o constrangimento. Passou a palavra para Marcela explicar o que as professoras faziam ali.

— Nós já ajustamos as partes técnicas da Marieta. Está tudo certinho, como vocês podem ver, mas os gestos ainda são desengonçados e não atingem o seu objetivo. Vocês devem ter visto nos jornais que pretendemos ter um robô que ajude na lacuna de professores intérpretes de Libras e de Braile. Para isso, a expressão facial e gestual são muito importantes, além de exigir firmeza nas mãos

para escrever em Braille assim que a professora passar um exercício. O nosso trabalho não pretende, de forma alguma, substituir o professor. Não. Queremos que os docentes calibrem os robôs e que eles só sejam usados em casos de ausência de profissionais.

Fabiana e Yasmin ficaram muito satisfeitas com a explicação e se disponibilizaram a ajudar o projeto, para que Marieta cobrisse cada vez mais as necessidades das escolas. Fabiana foi a primeira a ser requisitada para treinar as expressões e o movimento das mãos da robô, a fim de colaborar com a aprendizagem dos alunos com surdez. Era uma aprendizagem de máquina baseada na imitação. Quanto mais palavras Fabiana ensinasse à Marieta, mais o seu banco de dados se tornaria capaz de formar e traduzir frases do português para as Libras.

Quando chegou a vez de Yasmin, a robô já estava bem treinada nos gestos, então precisava fazer com que ela tivesse precisão e lhe ensinar cada letra. Para isso, foi preciso ajustar a sensibilidade das mãos da robô, a fim de que ela conseguisse escanear as folhas em Braille que a professora escrevia para, depois, imitá-las e preencher os dados necessários.

Alguns meses foram exigidos para que o treinamento estivesse completo e Marieta funcionando de acordo com a expectativa tanto dos engenheiros quanto das professoras. A primeira Marieta experimental foi enviada para a escola das professoras Fabiana e Yasmin, como uma forma de homenagem. As crianças ficaram enlouquecidas quando perceberam que teriam uma robô na sala de aula o tempo inteiro. Para estimular a interação das crianças, as professoras sugeriram que a robô também fosse treinada de forma a poder ensinar Libras e Braile a todos ao longo do tempo, facilitando a comunicação entre a turma. Primeiro, foi colocada uma Marieta em uma sala de aula específica; a seguir, várias Marietas passaram a atender a escola, sendo uma em cada sala.

As Marietas tiveram prazo de validade. Conforme os dias se passavam, as crianças e outras professoras aprendiam o código do Braile e a língua das Libras, facilitando também a contratação de profissionais especialistas. A escola que recebia Marieta passava por testes duas vezes ao ano: assim que fosse constatado que todos os seus membros tinham aprendido, a robô era

devolvida à Secretaria Municipal de Educação e encaminhada a outra escola.

Roberto e Marcela nunca pararam de aprimorar a aprendizagem das suas máquinas, mas também sabiam que a interação com as crianças na escola encheria ainda mais os dados das Marietas. Foi uma revolução direcionada primeiramente para as escolas municipais, não só por haver uma robô em cada sala de aula, mas porque, a partir dela, todos quiseram se envolver e foram beneficiados na instituição, afinal, a inclusão exige a participação de todos.

SEMENTE DA CIÊNCIA, FLORESTA DE INCLUSÃO

Vanessa de Oliveira Corrêa (Menção Honrosa)

Numa cidade pequena, na única Escola Municipal que existia, a professora Tina chegou para trabalhar naquele dia muito animada com o tema de sua aula. Ela falaria sobre a importância da ciência na vida de todos. Para isso, preparou uma sequência de perguntas que faria aos alunos e já esperava respostas muito criativas, pois aquelas eram crianças cheias de imaginação. O que é ciência para você? Qual a importância da ciência para a nossa vida? O que você inventaria para melhorar seu cotidiano? Ela riu quando pensou na empolgação de cada um dos pequenos tentando ser o primeiro a dar sua opinião. A turma do sexto ano era composta por 30 alunos, cada um com sua particularidade, seu jeitinho, mas todos com verdadeira vontade de mudar o mundo para melhor.

A professora mal começou a falar sobre o assunto e a sala ficou num burburinho só, cada um queria expor suas ideias mirabolantes de projetos. Cristina, a intérprete de Libras, teve certeza de que seu dia seria bom só por

sentir a energia de agitação daquela plateia mirim logo cedo. Alguns correram e pediram que ela ensinasse os sinais de felicidade, ciência, inteligência e ansiedade.

Entre criar uma máquina de fazer chover refrigerante, robô que resolve o dever de casa, brinquedos que se guardam sozinhos, uma ideia se destacou e fez os gritos darem lugar a um silêncio seguido de muitas palmas.

O plano da menina mais tímida da classe era o seguinte: sentindo-se tão cansada de presenciar situações excludentes, lembrou-se da aula sobre inclusão e pensou em criar coisas que ajudassem quatro queridos colegas nas atividades da escola e fora dela. Jonas tinha discalculia, Vivinha era autista, Lila e Pedrinho eram surdos. Ela poderia fazer algo por eles! As bochechas de Rosa ficaram da cor do nome dela, e os olhos castanhos brilharam quando ela percebeu que poderia sonhar em ser uma cientista no futuro. Ela acreditava até ali que ciência era coisa de adulto bem sério, e algo totalmente inalcançável.

Tina desejava fazer com que seus alunos soubessem que seria possível que eles fossem protagonistas de suas próprias vidas, que entendessem a

importância de terem discernimento para tomarem decisões acertadas e para resolverem qualquer percalço que surgisse. Por isso, sentiu seu coração aquecer de emoção quando viu aquela ebulição toda acontecendo na sala daquela turma tão especial. Lembrou-se de quando era criança, do tempo que ainda sonhava em ser professora. De toda sua luta para terminar o ensino médio, para entrar na faculdade, os grupos de pesquisa que conheceu, seu trabalho de conclusão de curso, o mestrado. Pura ciência. Para uma jovem cadeirante como ela, os desafios eram grandes e, se não fosse também pela inclusão, ela não teria a consciência de que teria forças para transpor cada um deles.

Rosa e as outras crianças colocaram no papel o planejamento do que poderiam fazer para aliar ciência e inclusão. Já conseguiram um horário para a escola oferecer minicursos de Libras – assim Lila e Pedrinho poderiam se comunicar com mais pessoas e fazer novos amigos, diziam eles. Em relação a Vivinha, eles visitaram uma fonoaudióloga que aceitou atendê-la de forma voluntária para proporcionar uma melhora nas habilidades de comunicação da menina – assim ela poderia confiar mais

em si mesma e fazer novos amigos, diziam também, felizes. Para Jonas, eles pensaram num aplicativo com um método de ensino de matemática voltado para pessoas com transtorno cognitivo – assim ele poderia aprender mais fácil até que um dia pudesse ensinar a outras pessoas e fazer novos amigos, diziam, dessa vez com explosões de alegria. Fazer novos amigos. Para eles, essa era a necessidade mais urgente que deveriam atender.

O futuro daqueles pequenos começou a ser traçado exatamente no momento em que a professora Tina plantou a semente da busca pelo conhecimento num solo fértil de empatia. A corrente do bem que foi criada na escola se espalhou pela população, e é motivo de muito orgulho. Colocaram até uma placa na entrada da cidade com os dizeres: “Aqui nós acreditamos que a ciência e a inclusão andam juntas em direção às necessidades reais das pessoas”.

SOPHIA E O LABORATÓRIO DE SONHOS

Diego dos Santos

Sophia era uma jovem curiosa e apaixonada por ciência. Desde pequena, ela sonhava em desvendar os mistérios do mundo ao seu redor e em ajudar as pessoas por meio do conhecimento. Mas Sophia não era uma garota comum. Ela vivia em um futuro em que a ciência e a tecnologia haviam revolucionado a educação inclusiva.

Nesse futuro, cada criança tinha acesso a um dispositivo chamado "EDUQUE", um assistente pessoal inteligente que proporcionava uma experiência educacional única. O EDUQUE era capaz de se adaptar às necessidades individuais de aprendizado, tornando a educação acessível a todos, independentemente de suas habilidades ou limitações.

Sophia era uma das alunas mais entusiasmadas da escola. Seu EDUQUE, chamado Edison, era seu parceiro de aprendizado e juntos embarcavam em jornadas de descobertas científicas. Um dia, durante uma aula de

biologia, a professora mencionou a importância da inclusão de crianças com deficiências visuais.

Intrigada, Sophia ficou pensativa e começou a refletir sobre como a ciência poderia contribuir para tornar a educação ainda mais inclusiva. Decidida a explorar essa questão, ela propôs um projeto de pesquisa à sua escola, que foi prontamente aceito. O projeto consistia em desenvolver um laboratório virtual que permitisse a participação de estudantes com deficiências visuais nas aulas de ciências.

Sophia mergulhou em estudos e pesquisas, consultando especialistas e explorando novas tecnologias. Com a ajuda de Edison, ela desenvolveu um sistema inovador chamado "VisioLab" que era uma combinação de realidade virtual e inteligência artificial, capaz de recriar ambientes científicos virtuais e transformar a experiência de aprendizado.

Chegou o dia em que Sophia apresentaria seu projeto para toda a escola. O auditório estava cheio de alunos, professores e pais curiosos. Sophia subiu ao palco, com Edison ao seu lado, e explicou sua ideia com paixão e entusiasmo. Ela mostrou como o VisioLab permitiria que

estudantes com deficiências visuais explorassem experimentos científicos por meio de estímulos táteis, sonoros e olfativos.

A plateia ficou maravilhada com a proposta de Sophia. Era como se a ciência estivesse abrindo portas antes inacessíveis, unindo todos em uma experiência educacional inclusiva e enriquecedora.

Após a apresentação, Sophia recebeu o apoio de professores, alunos e até mesmo de empresas de tecnologia interessadas em colaborar com seu projeto. O laboratório dos sonhos estava prestes a se tornar realidade.

Com o apoio da escola e dos patrocinadores, Sophia e sua equipe trabalharam arduamente para desenvolver o VisioLab. O laboratório virtual era composto por simuladores de experimentos científicos, onde os estudantes podiam manipular moléculas, realizar testes químicos e explorar a anatomia do corpo humano.

Finalmente, chegou o grande dia da inauguração do laboratório. Sophia, acompanhada de Edison e sua equipe, liderou um grupo de estudantes com deficiências visuais em uma experiência imersiva no mundo da ciência. O VisioLab trouxe uma nova dimensão ao aprendizado,

permitindo que todos explorassem as maravilhas do conhecimento científico.

No laboratório dos sonhos, as experiências ganhavam vida. O toque de Sophia em um simulador fazia com que ela sentisse a textura de uma célula. Os estudantes ouviam o som das reações químicas, exploravam o cheiro dos elementos e interagiam com personagens virtuais que os guiavam pelo mundo científico.

O VisioLab se tornou um sucesso instantâneo. Escolas de todo o país adotaram o sistema, e o nome de Sophia ecoou em prêmios e reconhecimentos. Ela se tornou um exemplo de como a ciência poderia transformar a educação e promover a inclusão.

Sophia continuou sua jornada científica, explorando novas possibilidades e projetos inovadores. Sua paixão pela ciência e seu compromisso com a inclusão nunca diminuíram. Ela se tornou uma inspiração para as gerações futuras, mostrando que o conhecimento e a tecnologia podem superar barreiras e transformar vidas.

E assim, Sophia e o seu Laboratório dos Sonhos continuaram levando a ciência para um novo patamar de inclusão e aprendizado. Seu legado se espalhou,

conectando pessoas e construindo um futuro em que a educação é um direito de todos, independentemente de suas habilidades ou limitações.

CIÊNCIA EM JOGO

Mariana Sales Benevides

— Prrriiii! — apitou o arbitro na final da partida de futebol de cinco.

Desabei de tanto chorar após o último apito. Eu e a seleção brasileira batalhamos por essa conquista, e era inacreditável o que acontecia naquele momento. Imediatamente veio a lembrança do dia em que, por causa da ciência, eu pude ser jogadora de futebol.

No terceiro ano do ensino médio, na aula sobre velocidade média, o professor de Física, Eduardo, pediu para que a turma criasse uma maquete para explicar sobre o tema para mim. Como sou cega — nasci com má-formação congênita nos olhos —, o professor levava materiais para facilitar o meu entendimento.

— Carla, vou colocar na sua mesa uma maquete para você compreender o movimento de um objeto quando ele é lançado no ar — contou animado o professor Eduardo.

A turma fez um bulício e todos estavam ansiosos com a minha reação. Eu era a única aluna com algum tipo

de deficiência na escola. Pela primeira vez, eu estudava em uma classe acolhedora que vibrava pelas minhas descobertas e conquistas.

Ao colocar a mão na maquete, eu encontrei uma boneca e um arame em um formato de curva. No arame, tinha uma bola pequena de isopor que eu poderia movimentar de uma ponta a outra. Ao tatear o material, debulhei-me em lágrimas ao mesmo tempo que sorria. Minha turma simulou um campo de futebol com uma jogadora.

Sou apaixonada pelo esporte e não perco nenhum jogo do Flamengo. Meu sonho era ser jogadora de futebol! Até 2019, só existia uma equipe para mulheres cegas no Brasil. Porém, o time desistiu, pois as mulheres não participavam do futebol de cinco na Paraolimpíada.

Enquanto eu enxugava minhas lágrimas, o professor Eduardo contou algo que ficou marcado na minha memória.

— Em 1997, Roberto Carlos fez um gol lindo contra a França! A bola atingiu 127 quilômetros por hora durante os 35 metros percorridos até o gol. Que incrível, não?

A partir daquela aula, o professor Eduardo e a turma me mostraram que eu poderia realizar marcos históricos no futebol. Graças a eles, eu fiquei sabendo de um campeonato mundial de futebol para mulheres cegas. Fiz a inscrição e desde então minha vida mudou!

Após a lembrança, a minha ficha caiu que eu estava cantando o hino nacional no pódio da Paraolimpíada de Los Angeles 2028. Com a medalha de ouro em meu peito, eu fazia parte da primeira equipe feminina de futebol de cinco do Brasil.

TIQUES NÃO ME IMPEDEM DE SER INTELIGENTE

Cláudia Lanis Patrício

Danielle sempre teve uma paixão por ciência, química e qualquer coisa que a fizesse pensar, pesquisar e analisar. Ela, desde pequena, amava fingir que estava descobrindo novos elementos químicos, novas tecnologias e sempre quis se tornar uma cientista.

Porém seus colegas sempre riam dela porque, para eles, era impossível se tornar uma cientista com “tiques nervosos”. Danielle tinha uma doença chamada “síndrome de Tourette”, que fazia com que ela tivesse vários movimentos repetitivos e sons indesejados, levando os outros a olharem feio para ela ou acharem que fosse louca.

Nunca gostou de ter aquilo, sempre desejou ser “normal”, mas isso não a fez desistir de seus sonhos. Sempre fazia tratamentos para a doença, mas não tinha como curá-la.

Um certo dia, ela estava em uma excursão da escola observando os cientistas mostrarem elementos químicos quando teve uma crise de tiques que acabou

fazendo-a quebrar um tubo de ensaio. Todos a olharam feio; ela começou a chorar e a pedir desculpas até que uma cientista chegou perto dela e disse:

— Não chore, nós quebramos tubos muitas vezes.

Danielle olhou para ela e disse choramingando:

— Eu nunca vou conseguir ser uma cientista com esses problemas.

— Ei, claro que vai, todo mundo pode ser o que quiser, você só precisa se dedicar muito para realizar e eu acredito que você possa. — disse a moça.

Quando chegou em casa ela foi direto para os livros e o computador, começou a pensar, pesquisar e anotar até que, após umas pesquisas com seu microscópio, acidentalmente, com seus tiques, derrubou um dos tubos de ensaio em cima do outro e fez os elementos se misturarem e descobriu uma nova fórmula química. Anotou tudo sobre aquele descobrimento e esperou até o dia seguinte para levá-lo até o lugar da excursão que ela tinha ido.

Chegando lá todos ficaram impressionados com descoberta dela, não apenas por ela ter Tourette, mas porque tinha apenas 15 anos. Os cientistas a levaram e o

experimento para a NASA e Danielle ficou muito conhecida por ser a mais nova menina com Síndrome de Tourette a descobrir uma fórmula química e nomeou sua descoberta de “Tiques”.

A PROFESSORA CRIATIVA

Roque Aloísio Weschenfelder

Aline tem dificuldades de entendimento dos conteúdos escolares. Ela está no quinto ano do ensino fundamental. A professora Jane tenta lhe ensinar a ciência do crescimento das plantas. Como a mocinha fala pouco, ela mostra, pela expressão facial, com alegria, quando entende e acena com a cabeça um “sim” se está a fim de aprender algo novo. Na quarta-feira, a professora lhe mostrou um livro com fotos de diversas plantas, sendo algumas delas as que são de jardim, e, as outras, de horta. A professora falou que no outro dia iriam, com alguns colegas, até o jardim da escola e, na semana seguinte, até a horta.

Na quinta-feira, após o intervalo, Aline estava ansiosa quando a professora Jane apareceu e trouxe uma enxada e uma pá. “Para que isso?”, parecia que a aluna estava pensando.

Após a chamada, a professora designou um aluno como responsável por levar parte do grupo à sala de informática para uma pesquisa sobre os nutrientes de

plantas de jardim, enquanto ela levaria Aline e mais quatro meninas e dois rapazes para o jardim da escola.

Assim que chegaram lá, ela mostrou pequenas roseiras floridas, margaridas crescendo e begônias criando as primeiras flores. Indicou que, no meio dessas plantas, cresciam outras que eram invasoras, chamadas de inço. Pediu para um dos meninos abrir um buraco ao redor de uma roseira, de um pé de margaridas e de begônias.

Então explicou que as raízes, diferentes em cada planta, servem para elas se alimentarem com nutrientes presentes na terra e com água – umidade do solo. Para Aline, indicou que as raízes são a boca das plantas, abrindo a sua e simulando mastigação. Também estava com um copo que pôs na boca com gestos de beber. A aluna inclusiva sorriu para mostrar seu entendimento.

Passou a indicar as invasoras como concorrentes dos alimentos e da água. Depois pediu que uma aluna carpsse o inço fora, deixando o terreno limpo. Em seguida, pediu que o outro rapaz pegasse a pá e recolocasse a terra, soltada pela colega, enchendo os buracos ao redor das três plantas de que observaram as raízes.

Quando prontas essas tarefas, Jane explicou que as plantas respiram e expiram. Mostrou as folhas e apontou para os narizes dos alunos. Ao inspirar, deu a Aline uma folhinha de papel em que estava escrito Oxigênio e apontou para si e para todos eles. Ao expirar, deu-lhe outra em que escrevera Gás Carbônico. Em seguida, mostrou as plantas e pegou as folhinhas para mostrar que acontecia o inverso, ou seja, respiravam gás carbônico e expiravam oxigênio.

Aline parecia não entender os escritos. Por isso, Jane levou-os ao laboratório de ciências onde puderam entender o que são gases invisíveis. Para Aline, pediu que se aproxime dela e sentisse a sua expiração direto do nariz. Então a mocinha sorriu feliz.

Os demais alunos acharam estranha a atitude da professora. Aline pediu para ir ao banheiro e, enquanto ela estava ausente, Jane falou aos outros que ela precisa dessas atitudes para poder entender as ciências, pois palavras faladas e escritas eram entendidas com muita dificuldade por essa aluna.

Na semana seguinte, a professora selecionou quatro rapazes e duas garotas para acompanhá-la com Aline até a horta escolar.

Agora, ela os orientou para colherem alfaces, rúculas, uma cabeça de repolho, várias cenouras e rabanetes. Explicou com palavras e gestos sobre os aspectos dos produtos de folhas comestíveis e arrancaram o que restou das alfaces, das rúculas e do repolho, todos com raízes finas, mas folhas suculentas, sendo que o repolho e a alface formam cabeças, algo parecido com seres humanos. Já cenouras e rabanetes possuem corpos-raiz dentro da terra, crescidos de outras raízes com que alimentam esses corpos.

Depois levaram a colheita à cozinha, onde tudo virou comida e salada para o almoço que teria cenoura crua e cozida, rabanete cozido e cortado em rodela com vinagre, além da salada de folhas misturadas de rúcula, alface e repolho cortados.

Aline adorou ajudar no preparo de todos esses itens e mostrou para o chão de onde as plantas tiravam o alimento para virar comida para as pessoas.

Quando voltaram para a sala de aula, ela foi até a horta, trouxe uma mão cheia de terra fértil e fez de conta que iria comê-la. Com isso, mostrou que entende que as pessoas comem a terra quando se alimentam de plantas.

Jane e Aline se abraçaram, e os demais da turma bateram palmas e cantaram os nomes delas.

MOVIMENTO ACOPLADO

Tiago dos Santos de Souza Hatayama

Um acorde diminuto paira no ar. O piano e o contrabaixo recuam, sob os auspícios da meia luz. O som infla, feito bolha, e depois estoura, delicado. Eu me ajeito na cadeira: sei que essa é a deixa para o solo de bateria; entretanto, os segundos correm e nada acontece. Alguém tosse, baixinho. Copos tilintam. *O que ela está esperando?* O vácuo se estende até o limite, a tensão eletrifica o ar, mas eis que, subitamente, ela começa. Suas baquetas fazem as bordas dos tambores borbulharem. O som é denso. Parece emergir das funduras do mundo, evoca mistérios. Duro e macio, ao mesmo tempo; soa como pelúcia cortando aço. A dinâmica cresce, pouco a pouco, e a bateria ressoa, o solo que se ouve ressoa no solo que se pisa. A técnica iluminista. O saber das florestas antigas. Melodias e harmonias fundidas em ritmo. pulsações extraídas de um caldeirão que derrete, sem dó, madeira, metal, carne e ossos. A baterista manipula o tempo, tornando-o espaço. Os pratos soam, o couro vibra. O público flutua. O mundo é feito de nuvens.

Bom dia, turma 401. Bom dia, bom dia, coordenadora. Amanhã receberemos uma aluna que tem uma determinada condição que a faz ser um pouco diferente... Mas nós vamos acolhê-la com muito amor. Tudo bem? Sim, sim, coordenadora! Posso contar com vocês? Siiiiim, coordenadora! Posso perguntar uma coisa? Pode. O que é que ela tem, é... contagioso?

Ela parece perder o controle do solo. As batidas se perdem, braços e pernas, bumbo, caixa, pratos: cada um indo para um lugar diferente no tempo. Tudo fica estranho. É como se uma casa explodisse de dentro para fora. Caos. Tensão. Entretanto, aos poucos, cada um daqueles blocos rítmicos retorna ao seu devido lugar, como um filme que corre ao contrário. Eu faço as contas e percebo que aquela aparente confusão escondia um padrão comum, como se cada batida transferisse energia para as demais. Assim, a tempestade vira brisa, a casa retorna ao seu lugar. E é nesse instante, em meio a fumaça dos cigarros, sob a penumbra do ambiente *noir*, que me recordo dos metrônimos na mesa do professor de Ciências. Sinto calor. Pego um

camarão frito e mastigo com vontade. Nesse instante, meu olhar cruza com o da baterista, mas ela não me vê. Está ocupada, espalhando-se feito lava de vulcão, escorrendo sob a face das águas, derretendo o mundo inteiro.

Não, Robertinha, a aluna nova não tem uma doença... é que ela vê o mundo de forma diferente... Mas o que ela tem, coordenadora? Independentemente do que ela tem, é uma menina muito especial, e amanhã nós vamos acolhê-la. Especial? Como assim? Crianças, me escutem... Ela tem alguma doença? Não, crianças, ela não tem nenhuma... Mas então o que ela tem, coordenadora? Crianças... Coordenadora, eu posso... E mais uma coisa: nada de piadinhas nem apelidos: o nome dela é Patrícia, então, quanto a isso, estamos entendidos?

As paredes da sala estavam repletas de bandeirinhas e de cartazes. No chão, azulejos terrosos, salpicados de bolinhas de papel, aqui e ali. Um ruído embrulhava o ambiente: ventiladores de teto, água molhando as plantas, o apito do professor de Educação Física, o solado do tênis gemendo no chão da quadra, uma

bola quicando no chão, e o bafo de gente, pura carne sonora, recheando de sons esse esqueleto predial. A coordenadora pedagógica estava na porta da turma 401. A aluna nova estava ao seu lado, vestindo um uniforme impecável, mas que parecia de um número maior do que o ideal. O jovem professor estava encostado no batente da porta. Sentia o peito pesar. Lamentava não ter a formação necessária para dar conta do desafio – tinha cursado uma matéria de educação inclusiva na graduação, mas estava longe de ser um especialista na área. Concluiu que, mesmo dando seu melhor, ainda estaria muito aquém do que pais e alunos esperavam dele. Sofria. Mal ouvia a coordenadora falar sobre Vigotsky. Olhou, de soslaio, os metrônomos que jaziam enfileirados sobre sua mesa. *Pode ser que ela goste da experiência.* O pensamento acalmou-o. *Fazer ciência.* Apesar da ansiedade, ele se permitiu sorrir. *Incluir.* Inesperadamente, a menina sorriu junto. *Tornar o diferente um igual.* Depois deu língua para ele.

Eu quase não escuto minha namorada – que mal havia escapado do desastre que fora seu casamento – dizer *sua amiga é uma baterista incrível!* Eu estou no meu

segundo divórcio. Ela leva a taça de vinho à boca. Eu me reteso. Ela bebe. Sinto vontade de mastigá-la – boca, cabelo, olhos, carne –, mas me controlo. *Amiga?* eu sussurro, *não é pra tanto*. Olho em volta. A plateia está enfeitiçada. A bateria é uma avalanche e ninguém consegue desviar a tempo. É o poder telúrico do ritmo, concentrando em si a melodia e a harmonia do mundo; uma pulsão primal, mordendo o corpo, dentro-fora, os espaços, as sínopes, e o coração, tambor a pulsar, em tudo e em todos. Eu estalo a língua nos dentes: não é hora de filosofias baratas. Retiro os óculos, fecho os olhos e me esparramo pela cadeira. Meu indicador mergulha, devagar, no copo meio cheio, água cor de madeira. Repouso a outra mão na coxa da minha namorada. O gelo navega pelo copo e raspa minha pele. Sinto um tiquinho de frio.

Bom dia 401. A coordenadora estava de pé, na porta da sala. *Bom dia, bom dia, coordenadora!* Ela tinha um rosto de gafanhoto, emoldurado por óculos de oncinha, e era alta, quase quatro palmos acima do jovem professor. *Essa aqui é a mais nova coleguinha de vocês.* A menina deu um passo à frente. *Oi, eu sou a Patrícia e sou*

Asperger. Sorriu, ergueu os polegares, fazendo o sinal de *legal* com ambas as mãos. Todo mundo riu, até a coordenadora.

Eu me levanto e sigo em direção ao pequeno palco. *Oi, Patrícia, tudo bem?* A baterista me encara. Ainda conserva as feições da época da escola, coisa de vinte anos atrás. *Gostou do show?* Eu digo que sim. Digo que o solo dela foi o ponto alto da noite. Ao invés de agradecer o elogio, ela dispara: *sua esposa é bonita demais para você, Dente*. O apelido de infância me atinge como um tapa, só me resta sorrir. *Ele usava óculos verdes, sabia?* *Horrorosos*. Minha namorada gargalha. *Gostei dela*. Ela sorri, ardilosa. Patrícia continua séria. *Sabia que um dia desses o professor de Ciências veio ver o show?* Eu me arregalo. *O japonês, de Ciências?* Um instante de silêncio se segue. *Lembra dos metrônomos?* Ela pergunta, e eu respondo *sim, eu me lembro, foi seu primeiro dia na escola*. O tique-taque dos metrônomos. O solo de bateria. O caos. A ordem. Padrões. Cada peça se unindo à outra. Sim, agora tudo faz sentido.

Os trinta e oito alunos estavam sentados no chão, em silêncio. Dez metrônimos tiquetaqueavam em cima da mesa do professor, cada um em uma velocidade diferente. *Isso é o caos, mas daqui a pouco o movimento gerado pelos metrônimos vai se espalhar pela mesa e vai ser absorvido por todos eles!* O professor estava eufórico. *É uma troca mútua de energia! É o movimento acoplado!* De fato, conforme os minutos foram passando, os ponteiros começaram a se ajustar, combinando-se uns com os outros. O professor se levantou do chão. *No começo eles oscilavam, fora de fase, e aí, com o tempo, começaram a conversar entre si.* As crianças olhavam, curiosas, tentavam entender os artifícios que sustentavam aquela magia. *Estão vendo que, agora, eles estão começando a tiquetaquear juntinhos?* Algumas crianças começaram a balançar o corpo, imitando o ponteiro do metrônomo. *O nome disso, crianças, é “Experimento de Huygens”.* Um menino de óculos verdes dançava, enquanto mastigava um copo de plástico. A aluna nova encarava os metrônimos e sussurrava: *esplêndido, magnífico, impressionante!* O professor se empolgou: subiu na mesa e abriu os braços e gritou. *Bem-vinda, Patrícia! Palmas pra ela, pessoal!*

Todo mundo aplaudiu, juntinho, inclusive os metrônimos, inclusive Patrícia, que gargalhava e aplaudia, sem perceber que, naquele instante, até o tempo havia parado para ver o mundo tornar-se nuvem.

ALÉM DAS BARREIRAS: A CIÊNCIA NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Matile Facó de Paula Pessoa Queiroz

Lídia caminhava pelas ruas sujas da cidade, observando os rostos perdidos e desamparados que passavam por ela. Seus olhos, cansados de tanto desalento, buscavam uma luz no meio da escuridão que parecia consumir tudo ao redor. Aquela mulher, com seu jeito despojado e atitude desafiadora, era Lídia, uma professora apaixonada pela ciência e pela educação inclusiva.

Lídia dedicava sua vida a levar a ciência para aqueles que a sociedade muitas vezes esquecia. Seu objetivo era mostrar a todos que a ciência não tinha barreiras, que era uma ferramenta poderosa capaz de transformar vidas e abrir caminhos. Com seu jeito irreverente, ela rompia com os padrões tradicionais e ensinava de uma forma única e envolvente.

Em sua escola, localizada em um bairro carente da cidade, Lídia acolhia crianças e adolescentes com diferentes necessidades especiais. Ali, a diversidade era celebrada e a inclusão era o pilar de sua prática

pedagógica. Ela acreditava que todos tinham direito a uma educação de qualidade, independentemente de suas limitações ou condições.

Certo dia, um novo aluno chegou à escola. Seu nome era Miguel, um garoto autista de 10 anos de idade. Miguel era extremamente talentoso em matemática, mas tinha dificuldades em se comunicar e interagir socialmente. Lídia viu em Miguel um potencial incrível, um brilho nos olhos que não podia ser ignorado.

Determinada a ajudá-lo a se desenvolver plenamente, Lídia mergulhou em pesquisas e estudos sobre educação inclusiva e autismo. Ela buscou compreender as particularidades de Miguel e adaptar suas estratégias de ensino para atender às suas necessidades específicas. E, assim, com paciência, dedicação e muito amor, ela começou a desvendar o mundo de Miguel.

Lídia utilizava recursos visuais, jogos interativos e atividades práticas para ensinar conceitos científicos a Miguel. Ela percebeu que ele se conectava de forma especial com os experimentos, tocando, manipulando e explorando o mundo ao seu redor. E, à medida que o tempo passava, Miguel começou a se expressar cada vez

mais, compartilhando suas descobertas e mostrando seu imenso potencial.

A notícia do trabalho excepcional de Lídia se espalhou pela comunidade. Pais de crianças com necessidades especiais começaram a procurá-la em busca de apoio e orientação. Lídia abraçou cada família, acolhendo-as com empatia e esperança. Ela sabia que a educação inclusiva era um direito de todos, e estava determinada a fazer a diferença.

Lídia, decidida a promover a inclusão de todos os alunos, intensificou seus esforços para identificar outras formas de tornar o ambiente escolar mais inclusivo. Ela sabia que cada aluno tinha necessidades diferentes, e a diversidade era a chave para uma educação de qualidade.

Além das adaptações curriculares e do suporte especializado, Lídia trabalhou em parceria com outros profissionais para desenvolver estratégias adicionais de inclusão. Ela trouxe terapeutas ocupacionais para auxiliar os alunos com deficiência motora, proporcionando-lhes suporte na mobilidade e atividades práticas.

Também buscou parcerias com profissionais da área de saúde para oferecer serviços de fonoaudiologia,

auxiliando os alunos com dificuldades de comunicação. Lídia compreendia a importância da linguagem e da expressão para o desenvolvimento pleno de cada aluno, e garantiu que todos tivessem acesso às terapias necessárias.

A inclusão também envolvia a participação ativa das famílias. Lídia organizou encontros regulares para dialogar com os pais, compartilhar experiências e trocar conhecimentos. Ela valorizava o papel fundamental da família no processo educacional, e juntos encontravam soluções para superar os desafios e promover o desenvolvimento dos alunos.

Outra forma de inclusão que Lídia enfatizou foi a valorização da diversidade cultural e étnica. Ela incentivou a realização de projetos que abordassem as diferentes culturas presentes na escola, promovendo atividades e discussões que enriquecessem o conhecimento e a compreensão de todos.

Lídia também buscou maneiras de incluir os alunos em situação de vulnerabilidade social. Ela estabeleceu parcerias com instituições locais para oferecer alimentação adequada, uniformes e material escolar,

garantindo que todos os alunos tivessem condições de participar plenamente das atividades escolares.

Além disso, Lídia incentivou a criação de grupos de apoio e clubes de interesse, nos quais os alunos pudessem compartilhar experiências, aprender uns com os outros e fortalecer seus laços sociais. Ela acreditava que a interação entre os alunos, independentemente de suas diferenças, era fundamental para a construção de uma comunidade escolar inclusiva e acolhedora.

E não parou por aí. Lídia também buscou aprimorar a acessibilidade física da escola, garantindo rampas de acesso, corrimãos e banheiros adaptados para alunos com deficiência física. Ela compreendia que a inclusão ia além do ambiente pedagógico, abrangendo também a infraestrutura e as condições físicas do espaço escolar.

Com todas essas ações em prática, a escola de Lídia se tornou um exemplo de inclusão. Alunos de diferentes origens, habilidades e necessidades encontravam um ambiente acolhedor, onde eram valorizados e respeitados em sua individualidade.

E, assim, a mensagem de Lídia se espalhou além dos muros da escola. Outras instituições de ensino começaram a se inspirar em suas práticas inclusivas e a buscar formas de adaptá-las à sua realidade. Lídia se tornou uma referência na área de educação inclusiva, sendo convidada para palestras e eventos onde compartilhava suas experiências e aprendizados.

Mas Lídia sabia que ainda havia muito a ser feito. A inclusão era um processo contínuo, que demandava esforços constantes. Ela estava determinada a continuar aprimorando suas práticas, buscando novas formas de inclusão e se mantendo atualizada sobre as melhores estratégias e recursos disponíveis.

E assim, Lídia seguiu seu propósito, desafiando as barreiras e promovendo a inclusão em todos os níveis da educação. Seu trabalho deixou um legado significativo, mostrando que a inclusão não era apenas uma possibilidade, mas uma necessidade para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

E, a cada dia, Lídia encontrava satisfação e alegria ao ver o progresso e o sorriso no rosto de cada aluno. Ela sabia que seu esforço valia a pena, pois estava

transformando vidas, abrindo portas e provando que a ciência na educação inclusiva era uma combinação poderosa capaz de criar oportunidades e mudar destinos.

A LUTA PARA SER OUVIDA

Fernando Antônio Ramos Schramm Neto

Numa esfera de penumbra e toque, permitam-me, prezados leitores, traçar-lhes a história de uma alma de miragem visual que, no compasso da vida, buscou derrubar barreiras e superar sombras, na jornada pela educação inclusiva. Permitam-me partilhar minhas lembranças, sementes plantadas no solo da memória, onde enfrentei o vento inóspito da exclusão.

Nos confins de minha infância, descortinava-se um horizonte turvo. Desabrochei-me para o mundo e para os desafios que ele me reservava. A visão, um véu insípido que me afastava dos contornos do mundo, tornou-se terreno áspero de adaptação. Que ânsia sedenta de sabedoria preenchia meu ser! Buscava, em meus dias iniciais de escola, encontrar os caminhos do conhecimento, tateando entre linhas e significados.

Oh, minha alma juvenil encontrava-se dilacerada em vivências ocultas, onde meus olhos errantes clamavam por orientação. Em meio a páginas que, para mim, se constituíam enigmas indecifráveis, fui privada da beleza

contida em livros, pois o Braille não adornava as letras que me escapavam ao toque. Fui reduzida a uma infinidade de desencontros, mas meu âmago insurgia-se diante do vazio, almejando solfejos de inclusão.

Um dos infortúnios que se interpôs em minha trajetória escolar foi a exclusão imposta pelas dimensões arquitetônicas. O labirinto de corredores não me revelava os acessos adequados, e, como dama aprisionada numa torre inalcançável, fui privada de frequentar o santuário do asseio. A inércia que marcou aqueles instantes enrijecidos me forçou a confrontar a injustiça arquitetônica, demandando por mudanças e adaptações para que o chão da educação se fizesse pleno sob meus passos.

E, sob o véu do dia e da noite, a melodia silente de meu coração era encoberta por ecos excludentes. Os murmúrios daqueles que se declaravam "normais" me arrastavam para as margens da integração. Enquanto meus passos avançavam tateantes, buscando alicerces em meio aos escolhos da convivência, as vozes sussurravam adiante, excluindo-me do concerto harmonioso. E, em meio aos diálogos calados e sorrisos pálidos, um vácuo se

alargava em meu ser, como um precipício em que me sentia enclausurada.

Ah, mas não foi senão sob as nuvens do esquecimento que o sol das mudanças resplandeceu. No compasso dos dias, a tecnologia ergueu-se como facho de luz redentora. Livros em Braille dançaram como poesia nos sulcos de meus dedos ávidos. Palavras antes enclausuradas em páginas herméticas tornaram-se correntezas de conhecimento fluindo em minha mente caleidoscópica.

Nada menos que maravilhoso, o toque em livros que se faziam reais em minha leitura. As páginas que antes me esquivavam se converteram em campos férteis para a imaginação, onde histórias se entrelaçavam ao pulso de minhas emoções. A educação inclusiva, outrora miragem distante, materializou-se diante de meus olhos invisíveis, e o conhecimento, alquimia do saber, agora desvelava-se em sua plenitude.

A arquitetura também cedeu ao clamor da inclusão, e os espaços outrora inacessíveis passaram a acolher meus passos, pavimentando um caminho de igualdade. A sinalização se fez guia precioso, e as barreiras arquitetônicas foram cedendo à força da igualdade,

permitindo-me transitar pelos recônditos da escola com autonomia e dignidade.

Mas a grande virada em meu percurso deu-se no encontro das almas, quando o vazio da exclusão se revelou como miragem. Os colegas outrora distantes, na intimidade da conversa, redefiniram-se como espelhos de empatia. As vozes que um dia sussurravam em ecos cruéis transformaram-se em sinfonias de compreensão. Descobri que minha invisibilidade não era mais que um véu que encobria a verdadeira essência do ser humano: a capacidade de amar e acolher o diferente.

E foi em meio a essa sinfonia compassada de mudanças que a exclusão se dissolveu, e a harmonia da inclusão ressoou por todos os cantos da escola. Com novos aparelhos e tecnologias inclusivas, fui acolhida em plenitude. O Braille, companheiro inseparável, abriu portas para o conhecimento. Orientadores sensíveis guiaram meus passos, e a sinalização se fez farol na trajetória. O acolhimento que antes me faltava, hoje se encontra em cada gesto de cuidado e de respeito que se oferece a um ser humano, além de suas limitações.

E assim, prezados leitores, nessa viagem pela trajetória de uma mulher deficiente visual, pude experimentar o despertar de uma nova era. Nas profundezas do passado, as lembranças de dificuldades relembradas transformaram-se em marcos de superação. E, nas águas da inclusão, minha alma navega com asas de liberdade, pronta para escrever novas histórias em páginas repletas de Braille e em olhares de amor e de compreensão. A educação inclusiva, qual brisa acolhedora, envolve-me com sua benevolência, ensinando-me que a diferença é a mais bela sinfonia do mundo.

ERUPÇÃO DE CONHECIMENTO

Pablo Sotero da Silva

O relógio acabara de bater 13 horas e Seu João estava preparando seu ritual para ver seu programa esportivo favorito falar do seu time do coração. Ele foi pego de surpresa com o vulto cabisbaixo do neto passando em direção à cozinha.

— Gael, meu filho, já chegou da escola. — Disse o idoso sem tirar o olho da TV.

Gael, que estava com pensamentos muito atribulados para qualquer informação de fora, não prestou atenção a fala do seu avô e foi direto para o quarto procurar alguma coisa que o tirasse do seu sofrimento. O avô estranhou a reação do neto. Nas ocasiões em que o jovem conseguia chegar mais cedo, ele se sentava entusiasmado do lado do homem que o ensinou a amar o futebol e, por livre e espontânea pressão, o Bahia.

O primeiro comercial do programa foi a brecha necessária para o avô bater à porta do quarto do jovem, que estava extremamente bagunçado. Roupas, eletrônicos e até a cama dele estavam revirados.

— Que isso aqui, Gael?! — O idoso falou perplexo com a bagunça.

— Ah, oi, vô. — O neto rapidamente se voltou para sua busca sem ligar para o avô.

— Oi, o quê, sacana! Quando sua mãe vir o que você está fazendo com esse quarto, ela vai comer seu rim. — O avô falou num tom brincalhão.

Depois de revirar a cama novamente, o jovem soltou um longo suspiro e sentou no chão

— Que foi, Ga? — O idoso falou preocupado; era raro ver o jovem tão abatido.

— Ah, vô. Tenho que fazer uma apresentação sobre vulcões amanhã e perdi meu projetor 3D. — Admitiu derrotado o jovem.

— Projetor 3D? — Falou confuso.

— É, vô. Um projetor portátil que cria hologramas. Uso ele sempre nas apresentações. — Explicou o jovem.

— E você não consegue apresentar isso aí com cartolina e um vulcão de argila? — indagou o avô.

— O que é uma cartolina? — Perguntou inocentemente o jovem.

Ao escutar as palavras proferidas pelo neto, o idoso sentiu sua pressão abaixar. Tateou a parede buscando algo firme para se apoiar.

Prontamente Gael foi ao resgate do avô.

— Que foi, vô? — Perguntou preocupado — Nada, meu neto. — disse ele se recuperando. — Foi só a idade chegando em mim... Mas vamos lá. Vou te ensinar como faziam as coisas na minha época.

Com certo contragosto, o neto seguiu o avô pelas escadas. Chegando na sala, o idoso explicou como fazia trabalhos, mas toda a ideia de usar papel parecia antiga demais para o jovem. Nem o caderno dele tinha papel e a única função do papel na vida dele era para limpar algo. A simples ideia de um papel gigante que serviria para colar mais papéis tirou um pouco o interesse do jovem. Sua atenção voltou completamente quando o avô pegou os materiais para o vulcão de argila.

Quando o velho artesão terminou de montar o vulcão de argila, virou para o neto com um sorriso largo. — Tá vendo, meu filho? É assim que eu fazia na minha época. — Falou triunfante.

— Tô, vô, mas isso aí é só um morrinho. — O jovem deu de ombros.

— Ah, agora que a magia acontece. Observe a erupção! — O idoso despejou vinagre no vulcão.

O jovem encarava a cena com pouco entusiasmo. A demora da “erupção” o fez devanear na perda do seu projeto. Subitamente um líquido vermelho borbulhante começou a sair do vulcão; ele olhava estupefato para a cena. O avô sorria para o jovem, lembrando de quando sua mãe fez esse trabalho com ele. Se viu no neto e alargou ainda mais o sorriso.

— Tá vendo meu neto? Não é só na tecnologia que existe conhecimento. Vem, vou te ensinar. — Seu sorriso era bonito, daqueles que só quem amam sabe dar. E ele amava ensinar coisas para seu neto.

Passaram o resto da tarde na troca de aprendizados, o avô ensinando como fazer um vulcão de argila e despejando todo tipo de informações possíveis para o neto. O tempo voou. De noite, quando a mãe de Gael chegou, ela não entendeu a comoção, viu a sujeira que as duas “crianças” fizeram em sua mesa e os botou para correr.

No dia seguinte, o avô estava mais ansioso que o normal, não por ser sexta-feira e ter um Ba-Vi pela final da copa do Brasil domingo, mas, sim, para saber como foi a apresentação do seu neto.

E ele não demorou para chegar; correu em direção ao sofá e pulou ao lado de seu avô.

— E aí, como foi?! — Perguntou o idoso com entusiasmo.

— Foi legal demais, vô, quer ver? — O sorriso entusiasmado do jovem ia de orelha a orelha.

— Quero... — Respondeu ele um pouco confuso. Gael prontamente tirou do bolso um esfera que cabia na palma da sua mão, apertou dois botões e um grande holograma surgiu com a sua apresentação completa. O avô encarava estarecido, porém conseguiu prestar atenção na fala do neto.

— E aí, vó, gostou? — O sorriso não largava o rosto do garoto.

— Gostei, sim, maravilhoso, mas venha cá. O que é isso aí? — Indagou curioso o idoso.

— É o meu projetor. Mãinha achou para mim ontem. — Disse casualmente Gael.

— Ah, ela é boa em achar essas coisas mesmo, mas se tu achou por que não usou ele na sua apresentação? — Indagou ainda mais curioso.

— Eu queria ensinar aos meus amigos como você me ensinou, é muito mais divertido assim. — O rosto do jovem brilhava.

— Verdade, é muito divertido assim. — O sorriso do neto o contagiou e ficaram assim, sorrindo.

JARDIM DAS CONEXÕES

Daiane Bezerra Macedo

Era uma vez, um lugar especial chamado Jardim das Conexões, situado no coração de uma pequena cidade chamada Açores. Nesse jardim, a história, a tecnologia e a cultura se fundiam harmoniosamente, e a ciência desempenhava um papel fundamental na educação inclusiva de crianças de todos os cantos do mundo.

No Jardim das Conexões, existia uma árvore chamada "Árvore do Conhecimento", que carregava consigo as histórias de tempos antigos. Sua imensidão e folhagens amplas forneciam sombra acolhedora para os jovens estudantes que se reuniam ao seu redor para ouvir os contos sobre marcos históricos que moldaram civilizações e enriqueceram culturas diversas.

No centro do jardim, encontrava-se uma fonte mágica chamada "Fonte das Invenções". Águas cristalinas fluíam em seu interior, criando padrões hipnotizantes e inspiradores. Em torno dessa fonte, professores utilizavam holografias e realidade aumentada para transportar os alunos para épocas passadas.

Ao redor do Jardim das Conexões, havia esculturas vivas de artistas de todas as partes do mundo, representando a riqueza cultural da humanidade. As crianças podiam interagir com as esculturas, aprendendo sobre os diferentes costumes. Cada escultura continha um QR Code que, quando escaneado, revelava histórias autênticas contadas por nativos das respectivas culturas.

No Jardim das Conexões, estava a Esfera do Saber, uma sala de aula inovadora e inclusiva. Ali, havia educação inclusiva. Crianças de todas as classes sociais tinham a oportunidade de ter uma educação acessível. Além dos livros, os estudantes aprendiam com suas experiências de vida.

A Esfera do Saber contava com uma tecnologia avançada, adaptada para a aprendizagem de todos os estudantes. Realidade virtual e holografia permitiam que crianças com dificuldades motoras ou visuais explorassem novos mundos e conceitos abstratos. As aulas eram conduzidas por inteligências artificiais sensíveis, que se adaptavam individualmente às necessidades de cada aluno.

Certo dia, uma criança chamada Jade, que vivia em uma vila remota e isolada, chegou ao Jardim das Conexões. Jade tinha uma deficiência auditiva, o que a fazia se sentir deslocada em seu ambiente de origem. Contudo, no Jardim das Conexões, ela encontrou um espaço onde a língua de sinais era valorizada e ensinada como uma forma de comunicação universal.

Ao interagir com a "Árvore do Conhecimento", um carvalho antigo que continha um banco com representações das línguas do mundo, Jade percebeu que, embora diferentes, todas as línguas possuíam beleza e complexidade. Ela se sentiu empoderada ao ver sua língua ser valorizada e compreendida por seus novos amigos.

Com o tempo, Jade se tornou uma das principais defensoras da educação inclusiva no Jardim das Conexões. Ela compartilhava suas experiências e conhecimentos com outras crianças, mostrando-lhes que todos têm um papel valioso a desempenhar, independentemente de suas diferenças.

De imediato, o Jardim das Conexões tornou-se um farol de esperança para a humanidade. Sua abordagem inovadora relacionada à educação inclusiva inspirou

outras comunidades a adotar práticas semelhantes, abrindo portas para um futuro em que foram criados marcos históricos, tecnológicos, culturais e científicos com o intuito de alcançar um mundo mais justo.

ESCRITORES CONVIDADOS

JOÃO E MARIA: MAMÃE É BAIXA VISÃO

*Cristina de Araújo Ramos Reis, George Alves Mendes,
Elen Gomes Pereira e Maria Inês Corrêa Marques*

— Mamãe é baixa visão...

Nossa mãe disse que é baixa visão, mas como entender isso? Ela faz tudo o que os outros fazem, ainda assim, sempre pede ajuda para se locomover.

— Mamãe é baixa visão...

Tem uma coisa que ela faz que é diferente das outras pessoas – às vezes ela enxerga o caminho e outras vezes não.

— Mamãe é baixa visão...

Às vezes ela pede para nós lermos o que está escrito, outras vezes ela lê sozinha. Certo dia, ela nos pediu para ler uma página de um livro e nós dissemos que não conhecíamos aquela letra. Daí, ela disse que também não conseguia ler algumas letras, mas que ela enxergava se fosse uma tal de fonte chamada Arial. Se lhe indagamos: “como mamãe consegue ler?” Logo ela responde que é muito boa na área de informática:

— Lá tem uns amigos tecnológicos chamados leitores de tela, que sempre me falam o que escrevo ou leem o que está escrito no meu computador ou celular.

Porém, nossa mãe reclama que quando ela usa a visão por muito tempo, sem parar, no computador, no livro ou na TV, ela sente náusea e dor de cabeça.

Nossa mãe exerce todas as tarefas do cotidiano e colabora na nossa tarefa da escola, mesmo com um custo! – as letras do livro são pequenas demais para enxergar e o contraste às vezes é ruim para ela.

— Mamãe é baixa visão...

Ela diz que não gosta de escrever em folha que contém linhas, pois embaralha as letras e causa agonia.

Nossa mãe gosta de escrever com lápis e pede que a ponta seja grossa, para poder visualizar melhor. Diz que até nas papelarias e livrarias existem lápis de diversas porosidades nas pontas chamadas 4B, 6B e 9B, como também canetas com diferentes traços grossos e finos.

— Mamãe é baixa visão...

Um dia, a prima Ju mostrou para mamãe um estojo com 11 canetas que ela ganhou com várias espessuras, de 0,05 mm até 1000 mm, e perguntou com qual ela

conseguia enxergar. Mamãe ficou maravilhada com tamanha pérola e respondeu:

— A caneta de 1000 mm, pois ela é mais grossinha.

Nossa mamãe também explicou que outras coisas ajudam-na a enxergar, como: luz, contraste, cor, tamanho e distância dos objetos.

Então, nossa mamãe esclareceu:

— Se a luz não estiver no ponto certo, sinto desconforto.

Por isso que gosta muito de óculos com lentes escuras. Mas ela diz que há pessoas baixa visão que gostam de lentes coloridas e outras pessoas que não gostam, e que a cor com a qual ela sente mais conforto é a azul.

— Se o contraste estiver adequado, ajuda a identificar as cores e a visualizar as imagens.

O fundo ideal das coisas para ela enxergar é branco. Mamãe diz que, quando as coisas estão sobrepostas ao branco, ela consegue ver melhor. Daí eu entendi porque, na nossa casa, de tudo ela gostava com branco.

— No computador, o contraste mais confortável para eu enxergar é também fundo de cor branco e a letra preta.

Outras pessoas baixa visão podem não gostar, como o tio Douglas que gosta de fundo preto e letra branca. Ah!! O tamanho da fonte que ela consegue enxergar é 16 e nunca pode ser a letra do computador que se chama Times New Roman. Ela gosta da fonte Arial, porque ela não é uma tal “serifada” cheia de “fru-fru”.

— Mamãe é baixa visão...

Se as coisas estiverem perto, mamãe tem mais chance de ver, mesmo se pequenas, mas é preciso que a luz e o contraste sejam do jeito que ela enxerga. Ela sempre fala que consegue enxergar uma formiga na blusa de cor branca, mas não consegue enxergar o letreiro do ônibus quando vai trabalhar e pede sempre ajuda.

Mamãe disse também que às vezes tudo isso (luz, contraste, cor, luminosidade, tamanho e distância) pode estar bom para ela e tudo no ponto, mas, se ela estiver nervosa, se atrapalha e não dá conta de enxergar...

— Mamãe é baixa visão...

Ela disse que é baixa visão por causa de um bichinho protozoário chamado toxoplasma, que machucou o fundo do olho dela, bem no centro. Em outras pessoas, o machucado pode ser na periferia do olho e, em outras, nos pedacinhos do fundo do olho. Às vezes, algumas doenças ou acidentes também deixam a pessoa baixa visão, podendo no futuro ficar cega.

— As pessoas baixa visão enxergam menos os detalhes, algumas enxergam melhor à noite e outras melhor de dia. E mamãe sempre diz que é o dia que ela enxerga melhor.

Uma coisa que mamãe falou que achamos legal foi sobre as bengalas terem cores diferentes. Mamãe disse que a bengala da pessoa baixa visão é verde; a da pessoa cega é branca; e da pessoa surdocega, igual a nossa amiga Janine, é cor branca e vermelha.

— Mamãe é baixa visão...

Nossa mãe disse que ela é uma pessoa que possui a lesão baixa visão, mas ela só vai ser uma pessoa com deficiência se ela encontrar um obstáculo. Ela explica que, se usar tecnologias assistivas, como as lentes que usa para enxergar de perto e de longe, e a ampliação nos textos,

livros, nos cartazes, eliminará os obstáculos para ela participar de tudo em iguais condições e ser incluída.

E notamos que são as barreiras que atrapalham as pessoas nos espaços que elas vivem, trabalham, estudam... que as tornam deficientes.

Entendemos que eliminar essas barreiras, a propósito, faz de mamãe igual aos outros nas oportunidades de vida, trabalho, estudo e lazer...

Assim, nossa mãe é baixa visão.

O NOVIÇO REBELDE

Luara Batalha

— Olá, Adailton, bem no horário — disse Tami ao abrir a porta do seu consultório. — Pode entrar e se acomodar, por favor.

Tami observou o homem magro deitar no divã e cruzar as mãos de dedos longos e unhas aparadas.

— Saiba que aqui é um lugar seguro — começou ela, — em que não há julgamentos. Então, me conte um pouco mais sobre o que te traz aqui hoje.

— Meus colegas de trabalho estão me enlouquecendo.

— E com o que você trabalha?

— Sou professor de uma escola de música. Ensino piano para crianças.

“Ocupação: professor de piano” – anotou Tami no seu bloco de notas.

— Sabe de uma? Você disse que aqui posso me sentir bem para falar tudo, né? — retomou Adailton —

Vou te dizer, eu sou é um professor muito do bom. O melhor da escola.

“Ego inflamado”

— E o que os outros professores fazem que tanto te incomoda? Discordam da sua excelência?

— Professores? Não, não. Eles são todos adultos, com eles me dou bem.

“Problemas com crianças apesar de dar aula para crianças... masoquista?”

— Então quem são seus colegas de trabalho?

— Tudo começou quando Maria se matriculou — explicou ele. — Ela é autista e tive que estudar formas de ajudá-la no processo de aprendizagem. Colei adesivos nas teclas do piano, sabe? Cada nota com um adesivo de tamanho e cor diferentes.

— Que interessante! — comentou Tami, escrevendo *“Merece o ego inflamado”*.

— Né? Também achei que fiz muito bem.

“~~Merece o~~ ego inflamado”.

— Estava tudo bem até Ré começar a reclamar — continuou Adailton.

— Rê de Renata?

— Não, Ré de Ré mesmo.

“Ré de ré? Entender melhor”

— Ré implicou que o adesivo dele era pequeno comparado a seu nível — explicou Adailton.

— Mas os adesivos não eram nas teclas?

— Sim, um adesivo para cada nota.

— E Ré tem adesivo?

— Sim.

*“~~Ré de ré? Entender melhor Ré do adesivo?~~
Pesquisar empresa”*

— Eu já estava chateado, mas só era Ré apertando minha mente, então, ignorei. Só que os pais de Maria me indicaram para conhecidos e Enzo começou a fazer aula comigo. Ele é deficiente visual e tive que mudar todos os adesivos por outros com texturas.

— Foi o Ré do adesivo que fez?

Adailton olhou para Tami de tal forma que fez a mulher enrubescer de vergonha.

— Ré continuou reclamando do adesivo dele, mas foi Sol que começou a fazer motim.

— Sol de Solange?

— Não, meu bem. Sol de Sol. Essa história nem é assim tão difícil de acompanhar.

“Ré do adesivo é conhecido de Sol de Sol?”

— Me desculpe, é que são muitas informações — disse Tami. — Isso afeta as suas aulas?

— De forma alguma. Recebi até uma promoção. Educação musical inclusiva é algo que, basicamente, só a nossa escola faz. Já tenho um grupo grande de crianças, algumas até com outros transtornos e deficiências.

— Me desculpe mais uma vez, Adailton. Ainda não entendi o problema.

— Meu problema é que Sol contaminou todos os outros e agora eles dizem que tenho um preferido porque o adesivo dele é maior e mais macio.

— E de quem seria esse adesivo?

— Mi.

— *Me? Like in English?*

— Oxe, não. Mi *like in* mi, mi, mi.

“Atualizado com as gírias virtuais, como mimimi”

— Resumindo, você tem problema com Ré e Sol e Mi é o preferido?

— Sim.

“Ré, Mi, Sol...”

— Que coincidência, Adailton... Ré, Mi e Sol! Só falta Lá, Si, Dó.

— Esses estão concordando com Sol.

— Como?

— Como não é uma nota.

“Alucinação?”

— Adailton, esses seus colegas de trabalho são notas musicais?

— Claro! Já não disse que sou professor de piano?

“Noviço rebelde soteropolitano?”

— E a título de compreensão, o que essas notas fazem contra você?

— Desafinam.

“Internação NECESSÁRIA!”

— Não sei nem o que dizer, Adailton.

— Imaginei, mas prometi que tentaria uma sessão de terapia, por isso eu vim. Vou dizer a Sol que você não vê problema nenhum nos tipos de adesivos e que o importante são as crianças e a educação inclusiva.

— Eu não disse nada disso.

— Mas eles não sabem.

Adailton se retirou e as últimas palabras ouvidas por Tami foram:

— Doe, *a deer, a female deer*. Ray, *a drop of golden sun*. Me, *a name I call myself...*

JOÃO, QUINHO E A CIÊNCIA

Lucas Neves da Rocha Franco

Tardinha. Era uma da manhã. A violência dos golpes d'água sobre o telhado da casa de João Silva não cessava. Seu filho, Henrique, ou Quinho, dormia como uma pedra. Pessoa com síndrome de Down, Quinho, com 10 anos de idade, tinha aulas na escola com crianças com e sem deficiência. João não gostava de admitir, mas ele foi o maior responsável por despertar a paixão pela ciência em seu filho.

Porteiro no turno da noite de um condomínio por muitos anos, João se dividia, nas 12 horas do seu trabalho, entre a TV, as revistas e os jornais que chegavam para os moradores, seu caderno de anotações e, claro, seu trabalho, que se estendia do fim da tarde até o início da manhã, dia sim, dia não. Dessa forma, João conheceu o programa Telecurso 2000, que representou seu primeiro contato com a ciência.

— João, você é o porteiro mais competente que já conheci. Nunca te vi dormindo no serviço! Qual o segredo

para ficar sempre ligado? – perguntou certa vez a moradora Madalena Cruz, a pessoa mais chata do condomínio, que de todos os funcionários cobrava, muitas vezes de forma excessivamente rigorosa – É muito café e energético pela madrugada? – sugeriu, curiosa. Mal imaginava que as revistas que ela assinava eram a chave do êxito profissional de João.

Como as revistas Mundo Estranho e Super Interessante destinadas para a casa de Madalena não vinham em embalagem inviolável, João conseguia, em apenas um turno de doze horas, ler todas elas. O interesse foi aumentando, até que o jovem porteiro comprou um caderno e começou a fazer anotações sobre o que via nas revistas.

— Se eu te disser o segredo de ficar acordado toda a madrugada, você promete que não vai ficar brava, dona Madalena?

— Te prometo! Mas agora eu fiquei muito curiosa, me conta logo.

João, então, mostrou sua pilha de cadernos preenchidos com quatro anos de anotações do que leu nas revistas que eram destinadas a Madalena.

— As correspondências chegavam no final da tarde, quando a senhora já estava em casa. Você sempre as recolhia de manhã cedo, quando passava aqui pela portaria para sair do condomínio e ir ao trabalho – contou João, que demonstrava receio na sua voz. Afinal, o que pensaria Madalena ao saber que o jovem porteiro lia suas revistas sem seu consentimento?

— Olhe, João – disse Madalena, pausadamente – Não imaginava que esse fosse seu segredo. E também não imaginava que essas revistas pudessem fazer tão bem para alguém.

Sem dizer o que ia fazer, a moradora sorriu para João, virou as costas e foi em direção à própria casa. Após cinco minutos, voltou com uma mala enorme.

— Abra João, por favor.

O som do zíper abrindo a mala soava como música.

— Que sorte você tem de ter todas essas enciclopédias e livros de ciência, dona Madalena – disse João, com os olhos vidrados.

— São seus, João. Todos eles. E todas as revistas que eu receber também, depois de um mês. Costumava jogá-las fora.

— Nossa, dona Madalena, obrigado!

João até tinha acesso à internet, mas seu pacote de dados não lhe possibilitava navegar por tanto tempo quanto ele precisava para fazer suas pesquisas. As revistas de Madalena e o Telecurso 2000, até então, eram seus principais aliados na busca pelo conhecimento.

Era uma da manhã. A violência dos golpes d'água sobre o telhado da casa de João Silva, que não mais era porteiro do condomínio de Madalena, não cessava. Assim como não cessava a sua fama de professor da comunidade.

Tido como o maior responsável pela inclusão do seu filho em uma escola regular, João passou a dar aulas de banca para vizinhos. Sua experiência como porteiro de condomínio e seu interesse em colocar Quinho em um colégio que o preparasse bem para o processo seletivo de ensino superior o fez procurar trabalho de segurança em um desses colégios, para ganhar uma bolsa integral.

— Filho, você vai estudar no colégio dos sonhos! — disse empolgado João, ao receber a proposta para trabalhar como segurança de um colégio que ele tanto se interessava em matricular Quinho.

A bolsa de estudos de Quinho, no entanto, não teria como ser bem aproveitada, não fosse toda a paixão pela ciência despertada pelo garoto de dez anos com síndrome de Down.

— Pai, eu amo ciência e amo você. E você me ensinou a amar a ciência

— Eu sei, filho, eu te amo muito. E amo a ciência também.

DESVER E DESVENDAR

Yara Fers

Denise estava curiosa com o passeio que faria logo mais com a professora Lúcia. Combinaram de se encontrar depois das aulas, ao final da manhã, na portaria da escola.

Pelo que ela tinha lido adiantado, havia na cidade uma exposição tátil, com versões de grandes obras da história da pintura.

A professora, que ministrava aulas de artes para os alunos do primeiro ano, sempre havia feito um esforço para incluir Denise nas aulas. Falava sobre os movimentos artísticos, trazia em suas aulas temáticas da música, que Denise amava. Mas era difícil para ela saber que, nos livros de artes que os outros alunos tinham acesso, havia imagens de pinturas que Denise jamais teria como enxergar.

Na instalação “Desver e desvendar pinturas”, na Pinacoteca da cidade, pelo que estava anunciado, seria possível a quem possui deficiência visual perceber com os dedos e outros sentidos as imagens de telas muito

conhecidas de grandes pintores. Entre elas estavam obras de nomes como Van Gogh, Michelângelo e Frida Kahlo. Nomes que Denise já conhecia das histórias contadas pela professora.

Sentada na mureta da saída, após aguardar alguns minutos, Denise ouviu a voz e sentiu o abraço da professora.

— Animada?

— Curiosa...

— Espero que seja uma experiência incrível pra você. Vamos.

Elas entraram no carro da professora e, em alguns minutos, chegaram à Pinacoteca. Na entrada da exposição, uma mulher simpática, após cumprimentá-las, deu as devidas orientações.

— Cada obra possui uma pequena câmara, na qual a pessoa precisa entrar. Lá vocês vão ter contato com um tipo de quadro em relevos, que se assemelha à xilogravura, mas é feito com impressora 3D. Para trazer a perspectiva das pinturas, esses relevos são feitos em camadas, por isso recomendamos que vocês comecem a tatear pela parte de baixo da obra, para, então, irem encontrando as camadas

seguintes. Ao mesmo tempo, a câmara terá outros estímulos sensoriais relacionados. Há também, ao lado direito de cada quadro, um botão para audiodescrição do mesmo. Porém, recomendamos que primeiro a pessoa faça a experiência sensorial, depois a audiodescrição poderá complementar.

Agradeceram e seguiram para a câmara de acesso ao primeiro quadro.

— Você prefere ir sozinha ou quer minha companhia, querida?

— Deixa comigo.

Denise entrou e buscou com as mãos a base do quadro. Pela informação na entrada, sabia que se tratava de uma obra do Van Gogh. A parte mais baixa, de onde ela deveria começar a tatear, estava bem à altura de sua mão. Começou a acariciar aquela base, tentando descobrir contornos e imagens. Conseguiu distinguir um gramado nesta primeira camada, que ela percebeu que se estendia por todo o comprimento da obra. Em uma segunda camada, de relevo um pouco abaixo, Denise começou a perceber o que vinha logo acima daquelas ramagens. Havia na lateral direita duas ferramentas pontiagudas e

talvez dois outros objetos, que não consegui compreender bem. Senti então um vento soprar na câmara, e começou a ouvir o som desse vento em folhas, algo muito leve, mas que trazia a sensação do ambiente pintado.

Denise, então, avançou os dedos para a camada seguinte. Nela, as figuras talhadas eram maiores, ocupando quase toda a extensão horizontal do quadro. Tateou contornos, dobras, curvas, e depois de alguns minutos entendeu que eram dois corpos humanos deitados, um junto ao outro, encostados em algo com ranhuras. Os pés, as pernas, o encontro dos dois corpos semiabraçados, o chapéu. Quis passar os dedos naqueles corpos algumas vezes, para conhecê-los. E, enquanto contornava essas imagens com a mente e as mãos, pôde ouvir de leve o som de duas pessoas ressonando, uma mais forte. Sorriu, enxergou a si mesma bisbilhotando o sono daquelas duas pessoas, quase ouvindo seus sonhos, sentindo seus cansaços.

Na camada seguinte, percebeu um fundo ainda em ranhuras, com ramagens mais finas. Continuava ouvindo o barulho dos ventos nas folhas, então sabia que a brisa

também estava naquela imagem. Mais ao fundo, bem pequenas, senti as imagens de dois animais e uma espécie de carrinho, tudo bem talhado.

A última camada, já mais lisa e aveludada, depois de uma linha horizontal reta e nítida, ela traduziu como o céu. Ia até a beirada mais alta do quadro.

Mesmo depois de encontrar esse infinito, Denise ainda voltou para os detalhes anteriores, revendo ou desvendo, sentindo e ouvindo aquele vento nas folhagens e o sono daquelas personagens.

Depois de um tempo, ligou a audiodescrição e soube que a obra se chamava A sesta, um quadro de Van Gogh que estava no Museu D'Orsay, em Paris. Ouviu sobre as cores presentes, e a confirmação das imagens que seus dedos já tinham descoberto. E que aqueles dois objetos mais embaixo, que ela não desvendara, eram dois pés de sapato.

Saiu daquela câmara com as pernas bambas, os olhos molhados, a cabeça pipocando sensações.

— Obrigada, professora.

— Calma, essa foi apenas a primeira.

Naquela tarde, Denise viu com os dedos, com os poros da pele, com os ouvidos, pinturas mundialmente conhecidas. Tateou o sorriso misterioso da Mona Lisa, as sobrancelhas e apetrechos do autorretrato de Frida (esta acompanhada de uma brisa mais quente, mexicana), e as pinceladas nebulosas da ponte de Monet.

Na volta, no final da tarde, a professora levou Denise para casa, avisando a seus pais que ela já estava retornando. Em seu silêncio, sentada no banco do passageiro, com o vento no rosto, Denise olhava para dentro de si, e para as tantas sensações que ainda a percorriam.

BIOGRAFIA DOS CONVIDADOS

Cristina de Araújo Ramos Reis: Graduação em Pedagogia com Habilitação em Magistério para Deficientes Mentais na UNIMEP (2001); Especialização em Educação inclusiva na IAESB (2009); Especialização em LIBRAS UNYAHNA (2010); Especialização em Educação Especial: Formação continuada de Prof. em AEE, UFC (2011). Mestre em Ciências da Educação pela Universidade Tecnológica Intercontinental - UTIC (2013). Mestre em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB (2018). Doutoranda no Programa de Pós-graduação Difusão do Conhecimento – PPGDC – UFBA (2021), tendo como objeto: professores(as) cegos(as) e baixa visão, no processo de acesso, aquisição, geração, organização do conhecimento no sistema público Municipal da educação de três municípios baianos. Atualmente, professora do AEE atendimento educacional especializado na SRM sala de Recursos Multifuncionais na Escola Municipal Senador Antônio Carlos Magalhães no Sistema Público Municipal de Salvador-BA (2021) e na escola Municipal Comendador Jonathas Telles de Carvalho Feira de Santana-BA (2022).

Elen Gomes Pereira: Doutora em Ciências da Saúde (UNESC). Mestre em Ciências em Modelagem Computacional (LNCC). Especialista em Educação Especial Inclusiva (UNIASSELVI). Licenciada em Educação Especial (UNISANTA).

George Alves Mendes: Especialista em Educação Inclusiva, Docência de nível básico e superior e Produção Textual, graduado em Letras pela Faculdade de Tecnologia e Ciências e Línguas Estrangeiras pela Universidade Estadual de Santa Cruz. Atua na área de linguagem, ensino de língua estrangeira e educação inclusiva e é servidor público estadual da Secretaria de Educação.

Luara Batalha: Com sotaque baiano e mais de dez livros publicados sobre engenharia civil, Luara Batalha é Doutora em Gestão e Tecnologia Industrial. Foi colunista dos *sites* Folha de Sergipe e Fala Barreiras, onde conectava o cotidiano com a literatura. É autora dos contos publicados *Terapia* (antologia *Brasil, mostra a tua cara*), *Invasão de território* (antologia *Soteropolitanos*), *Momento não esquecido* (antologia *Feminismos*), *Para o porteiro* (Coletânea Prêmio OFF FLIP 2021), *Carnaval por contos* (*Quando o carnaval chegar* – Editora Persona), *Réquiem ao novo* (Coletânea Prêmio OFF FLIP 2022), *Dois de fevereiro* (Menção Honrosa do 2.º Concurso Pintura das Palavras), *Pobre Dolores* (Menção Honrosa do 20.º Concurso Paulo Setúbal) e *Estrelinha* (Vencedor do 5.º Concurso Literário Beleza e Simplicidade em Contos e Crônicas/2023). Em 2022, *Antônia Carrero*, seu romance de estreia, foi publicado pela editora Ases da Literatura.

Lucas Neves da Rocha Franco: **Marinilda Lima** é pesquisadora xxxx

Maria Inês Corrêa Marques: Professora Titular da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Departamento de Educação II da Faculdade de Educação (FACED), professora permanente do Programa de Pós-graduação em Difusão do Conhecimento (PPGDC). Graduada em História pela Universidade Federal do Espírito Santo, Mestrado e Doutorado na Universidade Federal da Bahia, em ensino de História e História da Educação Superior, respectivamente.